

ESCOLA DE ENSINO INFANTIL EM XINGUARA - PA

A ARQUITETURA COMO PROGRAMA EDUCADOR

Trabalho de Conclusão de Curso II- Arquitetura e Urbanismo

Autora: Elisa Maria Barros Marques

Orientação: José Rodolfo Pacheco Thiesen

Universidade Federal de Goiás - Campus Goiás

Cidade de Goiás - GO

2022





**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Elisa Maria Barrros Marques

Título do trabalho: Escola de Ensino Infantil em Xinguará – PA: A arquitetura como programa educador

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Elisa Maria Barrros Marques

Assinatura do autor ²

Ciente e de acordo:

José Roberto Paolucci Pinheiro
Assinatura do orientador ²

Data: 28/04/ 2022

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Marques, Elisa Maria Barros
Escola de Ensino Infantil em Xinguara - PA [manuscrito] : A arquitetura como programa educador / Elisa Maria Barros Marques. - 2022.
LXXI, 71 f.: il.

Orientador: Prof. José Rodolfo Pacheco Thiesen.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas, Arquitetura e Urbanismo, Cidade de Goiás, 2022.
Bibliografia.
Inclui siglas, mapas, fotografias, tabelas.

1. Educação. 2. Infantil. 3. Espaço. I. Thiesen, José Rodolfo Pacheco, orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos doze dias do mês de abril do ano de 2022 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Escola de Ensino Infantil em Xinguará - Pa: A arquitetura como programa educador”, de autoria de Elisa Maria Barros Marques, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Me. José Rodolfo Pacheco Thiesen – orientador (UAECSA/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Flávio Higuchi Hirao (UAECSA/UFG) e Kaya Lazarini (membro externo). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. A banca destaca o mérito da escolha do tema educacional, bem como da relevância da escolha da área e do interesse social destacado. O memorial está bem desenvolvido e possui referências importantes. Do ponto de vista arquitetônico, destaca-se a escolha pelo material da terra com a taipa de pilão e das abobadilhas na cobertura, além da adequação à topografia pré-existente. A arquitetura, no entanto, poderia ser mais fluida, menos cartesiana, permitindo que as crianças descobrissem os espaços por sua conta. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 8,0, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **José Rodolfo Pacheco Thiesen, Professor do Magistério Superior**, em 13/04/2022, às 16:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Higuchi Hirao, Professor do Magistério Superior-Substituto**, em 13/04/2022, às 21:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2792696** e o código CRC **90CEF063**.



AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Ana Maria e Cláudio Elias, por sempre me incentivarem e apoiarem a continuar a persistir naquilo que acredito.

Aos meus irmãos, Isadora e Victor, pelo incentivo e exemplo de determinação.

A toda minha família pelo acolhimento, carinho e exemplo.

Ao meu namorado, Gabriel, pela compreensão e apoio nas horas difíceis.

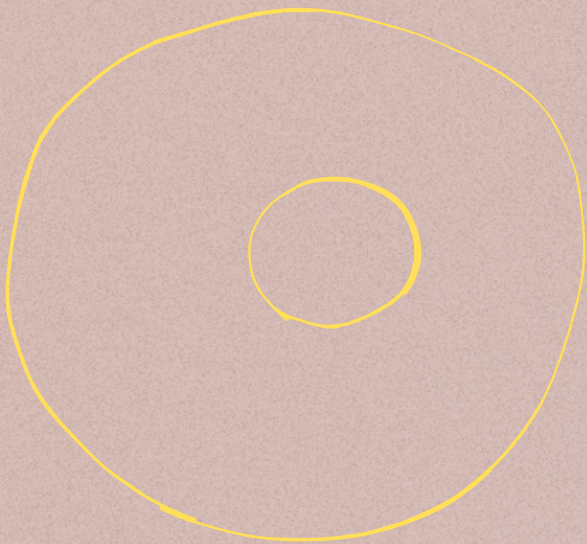
Aos meus amigos, por todo companheirismo durante a minha jornada acadêmica.

Ao meu professor e orientador, José Rodolfo, pela paciência, atenção e por sempre me ajudar a tomar as melhores decisões pra esse trabalho.

A todos os meus professores, por todo o conhecimento durante o curso e por sempre transparecerem muito amor à arquitetura. Em especial ao professor Lucas Felício, suas aulas foram de fundamental importância para a formação de todos os seus alunos

O espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou de opressão.

LIMA, 1989

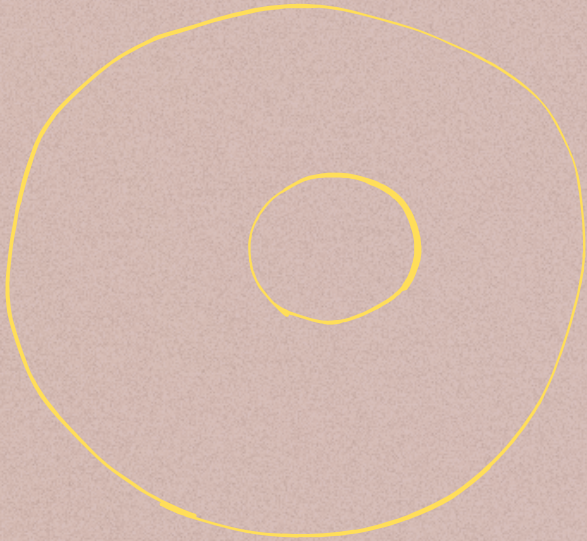


RESUMO

O trabalho a seguir, trata-se da elaboração de um projeto arquitetônico de uma escola de educação infantil no município de Xinguara, no Estado do Pará. A escolha do tema se deu a partir das minhas vivências no município, na qual residi desde os 3 anos de idade. Quando tinha 4 anos, minha família abriu uma escolinha de ensino infantil, na qual minhas tias e inclusive minha mãe eram professoras. Além do processo educativo, presenciei os processos burocráticos e de planejamento. Por motivos de força maior, a escola teve que ser fechada, mas a vivência no meio escolar estava só começando já que grande parte da família seguiu a carreira de educadores dentro do município. Dessa forma, discussões sobre educação, seus processos e pedagogias mais libertárias sempre estiveram presentes em meu meio social, o que despertou o interesse pela área.

Após diversas análises feitas no território, bem como esse desejo de projetar uma escola, chega-se à proposta de uma escola de Ensino Infantil localizada no bairro Jardim Tropical, bairro onde fica implantado um loteamento do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) e que não possui nenhum tipo de equipamento público para atender às diversas necessidades das famílias. Também deve-se levar em consideração que as residências desse Programa possuem qualidade arquitetônica questionável e o modo em que são locadas na cidade, geram um espaço monótono, sem diversidade funcional e que não priorizam a criação de espaços coletivos.

Palavras Chaves: 1. Educação; 2. Infantil; 3. Espaço

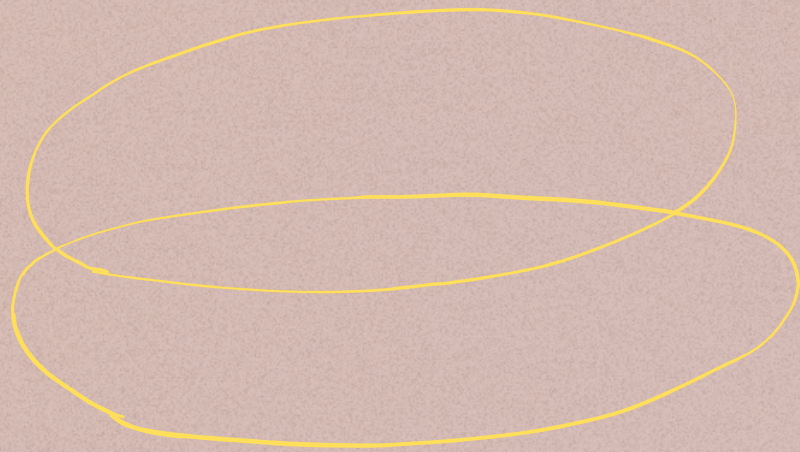


ABSTRACT

The following work deals with the elaboration of an architectural project for a kindergarten school in the municipality of Xinguara, in the State of Pará. The choice of theme was based on my experiences in the city, where I lived since I was 3 years old. When I was 4 years old, my family opened a kindergarten, where my aunts and even my mother were teachers. In addition to the educational process, I witnessed the bureaucratic and planning processes. For reasons of force majeure, the school had to be closed, but the experience in the school environment was just beginning since a large part of the family followed the career of educators within the municipality. In this way, discussions about education, its more libertarian processes and pedagogies have always been present in my social environment, which aroused interest in the area.

After several analyzes carried out in the territory, as well as this desire to design a school, we arrive at the proposal of a kindergarten school located in the Jardim Tropical neighborhood, a neighborhood where an allotment of the Minha Casa Minha Vida Program (PMCMV) is implemented and that does not have any type of public equipment to meet the diverse needs of families. It should also be taken into account that the residences of this Program have questionable architectural quality and the way in which they are located in the city, generate a monotonous space, without functional diversity and that do not prioritize the creation of collective spaces.

Keywords: 1. Education; 2. Children; 3. Space



SUMÁRIO

Introdução	12
Arquitetura e Ensino	14
Arquitetura e Ensino Infantil, Implicações e Desafios	17
Estudos de Caso	21
Espaço Pluricultural Vila Esperança	22
Centro de Educação Infantil Criança Feliz.	25
Realidade Local	32
O Bairro Jardim Tropical.	34
Estudo do lugar	35
Localização.	35
Cheios e Vazio.	36
Hierarquia Viária e Malha urbana.	36
Uso e ocupação do solo.	37
O Projeto	39
O Terreno	42
Concepção	43
Fluxograma	44
Programa de Necessidades	45
Estudo de Volumetria e Implantação	46
Materiais e Conforto térmico	47
Implantação	48
Plantas de Cobertura	51
Planta Baixa	52
Cortes	53
Fachadas	54
Planta de Layout	55
Detalhamento dos ambientes pedagógicos	56
Conclusão	69
Referências Bibliográficas	70



INTRODUÇÃO

A qualidade dos espaços no âmbito escolar e a forma em que se inserem no contexto urbano foi palco de diversas discussões ao longo do tempo, M. Foucault (1982) descreveu que existe um padrão de distribuição dos espaços que se aplicam da mesma forma em escolas, quartéis, fábricas, hospitais e cárceres. Todos eles são planejados para exercerem mecanismos de controle sobre as pessoas. Atualmente, existe um movimento de elaboração de filosofias que garantem infraestruturas que primam pela qualidade espacial do ambiente escolar e suas relações com a educação. No Brasil, essas filosofias existem, mas em sua grande maioria são feitas por iniciativas privadas e ficam limitadas a pequenos grupos econômicos, quase sempre inseridos apenas nos grandes centros urbanos. Nesse sentido, analisando as escolas de ensino infantil existentes na cidade de Xinguara, que possui uma distância considerável de grandes centros urbanos, é perceptível que a grande maioria adota um padrão semelhante do descrito por Foucault, no qual a distribuição é feita para garantir o mecanismo de controle sobre as crianças. Pautado em estudos que se opõe a essa lógica, o trabalho propõe a criação de uma arquitetura que ressignifique o método atual, sendo um local que contribua para o desenvolvimento individual dos alunos em diversos aspectos, sejam eles intelectuais, físicos, culturais ou econômicos, e que essas crianças possam vivenciar de fato a experiência da infância. Tendo isso em mente, pretende-se fazer a ampliação do projeto para o contexto urbano no qual o terreno estará localizado. A intenção é transformar o entorno do terreno como parte do espaço escolar, levando a experiência de aprendizagem para além dos limites da escola, transformando o bairro em uma extensão da sala de aula, de forma que todo seu contexto seja utilizado para aprendizagem.

A metodologia utilizada para elaboração desta pesquisa foi, primeiramente, de levantamento bibliográfico focado nas diversas áreas

da pedagogia e sua relação com espaços escolares e, a partir disso, a elaboração de diretrizes projetuais. Para um melhor entendimento das diretrizes adotadas, serão feitos estudos de caso de projetos existentes, extraindo os pontos positivos e negativos desses projetos para que possam, futuramente, fazer parte dos partidos arquitetônicos. Também serão incluídos no trabalho, levantamentos da realidade educacional do município, feitos por meio de mapeamento cartográfico, entrevistas com professores e trabalhadores do órgão de educação a nível municipal e visitas de campo.

Dessa forma, o trabalho subdivide-se em quatro capítulos, começando com uma abordagem da relação entre arquitetura e espaço escolar e, posteriormente, essa relação com o ensino infantil. No segundo capítulo, temos dois estudos de caso, um localizado em Goiás e o outro localizado em Xinguara, trazendo uma abordagem mais local. No Capítulo 3 foi feito todo o estudo do entorno do terreno e suas condicionantes. Já no Capítulo 4 é composto pela apresentação do projeto e seus processos, desde as diretrizes projetuais até os desenhos técnicos. E, por fim, a conclusão, apresentando os resultados deste trabalho e sua relevância para os estudos que relacionam arquitetura e educação.



ARQUITETURA E ENSINO

O ambiente escolar é o local onde as crianças irão passar maior parte de sua infância e a qualidade desse ambiente é pauta em diversas discussões que objetivam escolas mais plurais, inclusivas e que atendam de forma adequada a demanda dos alunos. Deve-se ter em mente que esse debate está diretamente relacionado a questões espaciais, pois, a arquitetura escolar é um elemento importante no currículo já que transmite normas e valores que, mesmo que de forma implícita, afeta diretamente a experiência dos sujeitos naquele espaço. Frago e Escolano afirmam que:

A arquitetura pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração interior e exterior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende. (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p.45)

Por isso, ao pensar uma arquitetura escolar, é fundamental que se ultrapasse os aspectos projetuais e que trabalhe, principalmente, com objetivos educacionais. Piaget (1970) afirma que os espaços de vivência (casa, escola, bairro) representam uma experiência decisiva na aprendizagem e formação das primeiras estruturas cognitivas por propiciar experiências espaciais que são fatores determinantes no desenvolvimento sensorial (PIAGET, RIBEIRO, SOLANGE, 2004). Dessa forma, entende-se que além do objetivo educacional, é importante e necessário que haja um olhar sensível na hora de projetar espaços escolares.

Para estimular um bom processo de aprendizado é necessário que esses locais estejam adequados às necessidades das crianças e que não sejam pensados apenas para o desenvolvimento lógico, mas que sejam espaços de acolhimento e afeto e ambientes dinâmicos e estimulantes.

A configuração do espaço escolar está diretamente relacionada à metodologia pedagógica implementada neste local. No Brasil, a realidade das escolas como um todo, principalmente de ensino público, está atrelada a um sistema pedagógico tradicional. A maioria repete um padrão, no qual, segundo Doris Kowaltowski, se resume a “um monte de cadeiras voltadas para um quadro negro e uma mesa de professor bem imponente em cima de um tablado” (KOWALTOWSKI, 2011, p. 161) sem espaços que estimulem a liberdade e criatividade das crianças. Doris afirma que essa configuração valoriza a autoridade e desestimula os alunos, além de dificultar as relações interpessoais pois não permite trocas e olhares entre os colegas de classe. Esse padrão foi considerado, por muito tempo, o ideal, no qual os professores tinham maior controle sobre os alunos, que eram considerados produtos de uma “máquina” escolar. Segundo Mayumi Lima no livro *a Criança e a Percepção do Espaço*, as organizações dos ambientes escolares nos anos 1950 afirmam esses mecanismos de controle e hierarquia ditos aqui anteriormente, no qual as escolas seguiam um padrão estático com salas de 6m x 8m, com carteiras voltadas para um quadro, entrada de luz natural à esquerda e um muro alto que serve de barreiras para distrações do mundo exterior. Além disso, a localização da diretoria acontecia “numa situação estratégica de visão sobre o conjunto, para cumprir a função antes chamada de fiscalização e controle, e hoje de coordenação (LIMA, sem data).” No entanto, os padrões de vida mudaram e pedagogias evolu-

íram e se especializaram nas demandas da sociedade, dessa forma é ideal que haja nos espaços escolares brasileiros uma adequação às filosofias educacionais do século atual.

Dessa forma, ao elaborar um projeto escolar é imprescindível que seja ultrapassado esse aspecto da existência de apenas carteiras e mesas, mas que sejam espaços que tenham a criança e o desenvolvimento infantil como principais norteadores do projeto e que acompanhem as pedagogias e necessidades atuais. Kowaltowski indica como princípio para o projeto escolar:

[...] ambiente estimulante, lugar para ensino em grupo, conectar interior com exterior, áreas públicas incorporadas ao espaço escolar, segurança, variedade espacial, interação com o ambiente externo, permitir modificações, flexibilidade, riqueza de recursos, ambientes ativos e passivos, espaços personalizados e espaços comunitários. (KOWALTOWSKI, 2011, p.163)

Herman Hertzberger[1] foi um profissional que dedicou grande parte da sua vida em projetos escolares e segundo ele, como os arquitetos “não tem influência no ensino propriamente dito, podem fazer um ambiente em que o aprendizado ocorra de maneira mais convidativa” (KOWALTOWSKI, 2011, p.163). Ele também afirma, segundo Kowaltowski, que o projeto de uma escola deve priorizar a fluidez da circulação em relação às funções do programa e exemplifica isso com a chamada “rua educativa” que seriam os espaços de circulação que unem às salas para os outros espaços educativos como refeitório e biblioteca.

A qualidade dos ambientes de aprendizado irá impactar não só na frequência e comportamento dos alunos, mas também nos funcionários - que se sentem mais seguros e valorizados - e nas pessoas que moram no entorno, que podem usar as facilidades que se

[1] Informações acessadas a partir do livro de Doris Kowaltowski, *Arquitetura e Projeto Escolar*.

tornam disponíveis com a construção da escola. Hertzberg, em seu livro *Lições de Arquitetura*, diz que na organização de um projeto, de acordo com seus princípios de instalações, podem-se criar as condições para um maior senso de responsabilidade e, conseqüentemente, também um maior envolvimento no arranjo e no mobiliamento de uma área, e os usuários tornam-se moradores. Para exemplificar isso, ele fala sobre a escola Montessori, na qual as salas de aula são concebidas como pequenas unidades autônomas e chama de pequenos lares que ficam situadas ao longo do hall da escola ligadas por ruas comunitárias. Cada uma dessas salas teria seus próprios vestiários e seu próprio banheiro e as crianças de cada sala tem o dever de manter o local limpo e organizado ao seu modo. Assim, segundo ele, “dá -se muita ênfase com o cuidado com o ambiente, fortalecendo com isso a afinidade emocional das crianças com o espaço à sua volta” (HERTZBERGER, 1999, p. 28). Um outro ponto abordado por ele é a importância da entrada de uma escola, principalmente de ensino infantil, por ser um local de transição entre áreas de ordens diferentes, deve propiciar conforto às crianças que chegam, e ser um ponto de encontro para os pais, “em suma, este pequeno espaço público como local de encontro para pessoas com interesses comuns, cumpre uma importante função social.” (HERTZBERGER, p. 33, 1999). A professora Doris Kowaltowski indica alguns parâmetros considerados ideais na hora de conceber um projeto arquitetônico escolar com objetivo de obter boas experiências entre a criança e esse ambiente. Inicialmente, uma arquitetura escolar deve possuir identidade própria e afirmar a importância da escola e seu significado na comunidade, esse projeto deve contar com uma entrada convidativa e que contenham espaços para os alunos exporem seus trabalhos. Além disso, esse prédio deve ser um equipamento de inclu-

são social e necessita de soluções sensíveis a questões de acessibilidade e deve incorporar princípios do Desenho Universal. Todos os ambientes devem contar com iluminação e ventilação natural, com a inserção de instrumentos de sombreamentos quando necessário.

Ainda segundo Doris, as salas de aula devem promover atividades diversificadas como trabalhos em grupo, estudos e pesquisas via internet, contato e aprendizado com a natureza, construção do aprendizado em situações do cotidiano ou práticas acadêmicas. Para tanto, as salas devem apresentar layout flexível para que os alunos possam se movimentar, realizar atividades em grupos e a aplicação de metodologias diversificadas no espaço. Além disso, devem fortalecer o sentimento de identidade e pertencimento ao grupo.

Outro aspecto apontado por ela é a importância da relação do interno - externo, que deve acontecer de forma direta e sem barreiras. O projeto deve possibilitar que os alunos utilizem o ambiente externo, permitindo o acesso a cada área, quando convém para as atividades didáticas. Dessa forma, os espaços como pátios, áreas livres e refeitórios, são de suma importância para realização dessa integração. O refeitório, por exemplo, deve ter vista para jardins e a possibilidade de uso externo dependendo do clima, e devem ser menores e mais acolhedores com mobiliários variados e descontraídos. As áreas externas devem permitir atividades com possibilidade de experimentações diversas que podem ser feitas por meio de implantação de hortas e pomares, trilhas com caminhos sinuosos e contato com a natureza, áreas externas ligadas diretamente às salas de aula, etc. O pátio deve estar ligado com a entrada principal para acolher os alunos em dias de chuva e deve

apresentar soluções inovadoras, além da presença de vegetação para construção de ambientes educacionais de qualidade.

Arquitetura e Ensino Infantil, Implicações e Desafios

A instituição escolar de ensino infantil é um fato muito recente na história brasileira, principalmente para as classes econômicas mais baixas, antes do seu surgimento cabia à família ou aos grupos sociais em que pertenciam às relações de cuidado com as crianças, e era junto a essas instituições que elas aprendiam toda a bagagem necessária para serem adultos. O surgimento de uma instituição responsável pela educação das crianças, segundo Bujes (2001), está relacionado tanto com o surgimento de escolas e do pensamento pedagógico moderno, como com a mudança na forma de encarar a infância e o surgimento de diversos pensadores que traziam as melhores formas de vivenciar e aprender nesse período da vida. Já o advento das escolas de ensino infantil e creches está relacionado, dentre outros aspectos à Revolução Industrial e a necessidade das mulheres de deixarem seus lares por causa do trabalho, como também as novas formas de estruturas familiares e suas formas de morar, antes com muitas pessoas morando juntas em uma só casa e, nesse novo contexto, apenas os pais e os filhos dividindo esse espaço. Segundo Bujes (2001):

[...] as creches e pré-escolas surgiram a partir de mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade: pela incorporação das mulheres à força de trabalho assalariado, na organização das famílias, num novo papel da mulher, numa nova relação entre os sexos, para citar apenas as mais evidentes. Mas, também, por razões que se identificam com um conjunto de ideias

novas sobre a infância, sobre o papel da criança na sociedade e de como torná-la, através da educação, um indivíduo produtivo e ajustado às exigências desse conjunto social.”

No Brasil, até a década de 1980, a educação infantil era um processo fora da educação formal, que se iniciava apenas no ensino fundamental, ela era considerada como uma etapa preparatória, anterior e independente à escolarização. Segundo Brandão (2017) essa instituição pautava-se mais em aspectos médicos e higienistas. No entanto, a partir da Constituição de 88, houveram grandes transformações no aspecto da Educação e com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) a infância começa a ocupar o lugar social de garantia de direitos e cuidados, a partir da Doutrina da Proteção Integral (BRANDÃO, 2017, p.18). Desde então, torna-se dever do Estado o direito a creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos. Dessa forma, a etapa de Educação Infantil passa a ser vista como parte do currículo de educação, bem como o Ensino Fundamental e Médio. No entanto, apesar de ser um direito de todas as crianças, a Educação Infantil torna-se obrigatória apenas a partir dos 4 anos de idade.

Para que se tenha uma educação infantil de qualidade é necessário que alguns pontos sejam levados em consideração na hora de pensar um projeto voltado para esse público. Bujes aponta que a educação de uma criança deve envolver dois processos simultâneos: o de cuidar e o de educar. Ela afirma que esses processos são complementares e indissociáveis, pois ao mesmo tempo que necessitam de cuidados, carinho e atenção, as crianças possuem contato com o mundo de modo que a interação com as coisas e pessoas que a cercam vai levando a atribuir significados sobre tudo. Cuidar, segundo ela, perpassa as relações de cuidados primários como

sono, alimentação, e em relação às instituições de ensino infantil, está relacionado à promoção de ambientes acolhedores, seguros, alegres, instigadores, com adultos bem preparados e com condições de oferecerem atividades desafiadoras e adequadas a cada idade. Essas relações vão desde cuidados com os horários de funcionamento das creches, que devem ser compatíveis com os horários de trabalho dos responsáveis das crianças, pelos materiais oferecidos e pela qualidade espacial deste local. Já a relação de educar, relaciona-se muito ao processo de inserção da criança no mundo que a cerca e suas variadas questões e com uma experiência cultural do grupo social em que está inserida. Em relação às práticas educativas Bujes indica:

A noção de experiência educativa que percorre as creches e pré-escolas têm variado bastante. Quando se trata de crianças das classes populares, muitas vezes a prática tem se voltado para as atividades que têm por objetivo educar para a submissão, o disciplinamento, o silêncio, a obediência. De outro lado, mas de forma igualmente perversa, também ocorrem experiências voltadas para o que chamo de "escolarização precoce", igualmente disciplinadoras, no seu pior sentido. Refiro-me a experiências que trazem para a pré-escola, especialmente, o modelo da escola fundamental, as atividades com lápis e papel, os jogos ou atividades realizadas na mesa, a alfabetização ou a numeração precoce, o cerceamento do corpo, a rigidez dos horários e da distribuição das atividades, as rotinas repetitivas, pobres e empobrecedoras. (BUJES, 2011, p.17)

Deve-se levar em consideração as transformações cotidianas experimentadas a todo momento no mundo e a forma que essas transformações afetam as crianças nesse mundo dinâmico. As crianças vivenciam essas dinamicidades de uma forma muito particular "porque ela encontra maneiras peculiares e muito originais

de se expressar, porque ela é capaz através do brincar, do sonho e da fantasia de viver num mundo que é apenas seu." (CRAIDY; KAERCHER, 2007, p.21). Outro fator que deve ser levado em consideração é o quanto as crianças são diferentes umas das outras e essa diferença não deve ser desconsiderada. Portanto, deve-se garantir o direito à criança de vivenciar de fato sua infância, cada qual ao seu modo, fato que tem sido negado a muitas delas. Sobre a educação infantil, Craidy e Silva apontam:

Ela deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade; não pode deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço e do corpo e das modalidades expressivas; deve privilegiar o lugar para a curiosidade e o desafio e a oportunidade para a investigação. Por tais razões, as instituições de educação infantil são hoje indispensáveis na sociedade. Elas tanto constituem o resultado de uma forma moderna de ver o sujeito infantil quanto solução para um problema de administração social, criado a partir de novas formas de organização da família e de participação das mulheres na sociedade e no mundo do trabalho. Para além disso, porém, penso que as creches e pré-escolas vão ainda, por muito tempo, constituir um importante espaço de "descoberta do mundo" para um sem-número de crianças. Ora, cumprir esta responsabilidade social de compartilhar com as crianças esta descoberta tão instigante não é pouca coisa. Ela nos desafia, nos compromete e nos convoca. Cabe a nós a opção. (Craidy e Kaercher, 2007, p.21)

O espaço físico e social é indissociável ao desenvolvimento das crianças, pois ajudam a estruturar funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais. As primeiras relações da criança estão ligadas ao seu corpo e aos poucos essa relação ultrapassa fronteiras do eu e do não eu. Dessa forma, segundo Barbosa e Horn

(2001), ao pensar em espaços para crianças deve-se levar em consideração que eles são compostos por gostos, toques, sons e palavras, regras de usos do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Elas também afirmam que é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando interações com diversos elementos. Em relação aos odores, elas afirmam que essa interação pode ocorrer com o próprio cheiro, o cheiro de outras crianças, da família, dos diversos cheiros da creche, banheiros, pomares, refeitório, flores, plantas, brinquedos, dentre outros. Já no que diz respeito aos mobiliários e às cores, elas afirmam que os móveis precisam estar adequados à necessidade dos usuários, cadeiras para as crianças e para adultos, por exemplo. A decoração deve ser criada ao longo dos anos pelos próprios usuários junto aos pais, dessa forma, não há a necessidade de projetar um espaço já pronto e imutável. O espaço deve ser uma construção temporal que se modifica de acordo com os usos e necessidades. No que diz respeito às cores, é fundamental que se tenha contato com as diferentes tonalidades, que exista equilíbrio entre cores pastéis e cores fortes e que tenha a existência de objetos pretos e branco para haver contrastes. Outras interações propostas por elas são nos sons e nas palavras: é necessário que tenha a presença de sons fracos e fortes com diferentes tipos de sonoridade, como sinos, móveis, instrumentos musicais e caixas de músicas, além da comunicação com palavras que as mesmas aprendam a ter uma conversa em um ambiente sonoro agradável. Os gostos, que podem ser aguçados com os diversos temperos dos alimentos, frutas e verduras recolhidas da horta; o toque por meio de interações com a natureza e de atividades manuais; e por último nas regras de uso do espaço, no qual as crianças aprendem sobre as barreiras sólidas, bar-

[2] Base Nacional Curricular Comum. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18/10/2021

reiras contornáveis, as de regras verbais; elas destacam neste item a importância de existir e organizar um espaço para interação de crianças de diversas idades, desde bebês até as crianças mais velhas. Também demonstram a importância da aproximação do meio escolar com os espaços de moradia e lazer dessas crianças para que se possa conhecer, dar continuidade ou transformar certos hábitos presentes na vida desses sujeitos, criando interação entre esses ambientes. Dessa forma, pode-se criar para cada espaço, uma identidade.

Segundo a Base Nacional Curricular Comum (BNCC)[1], um dos eixos bases estruturantes da educação infantil são os de interação e os de brincadeiras. Segundo ela, a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças[2]. Entende-se então que o ato de brincar é uma das formas da criança expressar seus sentimentos, frustrações, afetos, etc.

O documento assegura seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que irão possibilitar que as crianças desempenhem um papel ativo em ambientes “em que convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural” (p.38). Esses direitos são os de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Segundo o documento, o direito de conviver é assegurado quando existe convívio com outras crianças e adultos com suas diversas linguagens, resultando na ampliação do conhecimento sobre si e sobre o outro, bem como no conhecimento sobre outras culturas e o respeito pela diversidade. Já o de brincar acontece nas diversas formas que essa prática pode ocorrer cotidianamente com os diversos parceiros, sendo crianças ou adultas “ampliando e diversificando seu

[3] Base Nacional Curricular Comum. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18/10/2021

acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais” (p.38). O direito de participar ocorre na inclusão das crianças nas decisões de gestão escolar e das atividades propostas pelo professor, bem como nas escolhas de brincadeiras e materiais, resultando no aprendizado em diversas linguagens e conhecimentos por meio dos atos de decidir e posicionar. O direito de explorar, acontece por meio dos estímulos aqui citados anteriormente tais como sons, cheiros, formas, cores, contrastes, gostos, dentre outros.



ESTUDOS DE CASO

Espaço Pluricultural Vila Esperança - Escola Pluricultural Odé Kayodê

O Espaço Pluricultural Vila Esperança fica localizado na cidade de Goiás, é um projeto Social Cultural e Educacional criado por iniciativas populares sem fins lucrativos. Foi fundada pelos Teólogos Robson de Souza e por Pio Campos com projetos relacionados à Diocese de Goiás. Em parceria com o Mosteiro e com o Padre Marcelo Barros, foi iniciado um processo de alfabetização e aulas de teatro para a comunidade de um bairro periférico de Goiás. O projeto foi ganhando forças e ultrapassou os limites religiosos e foi abraçado por um maior contingente de pessoas da cidade. No site do espaço Vila Esperança[4], encontra-se a seguinte descrição:

O Espaço Cultural Vila Esperança surgiu a partir de um sonho que visava protagonizar indivíduos e povos marginalizados e silenciados na história do nosso país. Escrever um novo capítulo com “outro olhar”, apostando na coletividade, valorizando culturas e tradições plurais através da Educação e da Arte. Proporcionar às crianças uma representação de si digna, reconhecendo sua identidade valorizada pela beleza e força de culturas originárias e milenares. Realizar uma educação intercultural, valorizando a diversidade, por meio de experiências culturais e artísticas, objetivando a emancipação e a dignidade humana. No portal da periferia da Cidade de Goiás (GO) um terreno baldio foi se transformando em roseiras, escadarias de pedra, hortas comunitárias e construções fantásticas. A “Esperança”, boneca de pano, na janela da torre ao lado da casa velha, anunciava dia de brincadeiras, tardes culturais repletas de arte, convidando meninos, meninas, jovens, famílias para povoar e habitar esse novo Espaço. A Vila Esperança foi se tornando realidade brotando de suas sementes: A Brinquedoteca Alegria do Povo, O Grupo Circo, as vivências culturais afrobrasileira - Ojô Odé e indígena - Porancê Poranga, a Escola Pluricultural Odé Kayodê, a Escola na Roça “Caminho das Águas” ... Uma trajetória iniciada oficialmente em 15 de outubro de 1991 com muitas sementes lançadas pelo caminho.

A Vila Esperança acomoda a Escola Pluricultural Odé Kayodê desde 2004 e funciona com o reconhecimento do MEC. A escola é comunitária e gratuita, mas não pertence à rede pública de ensino, apesar de haver uma parceria com a prefeitura. Atende crianças do ensino Infantil (4 a 5 anos) e do Ensino Fundamental menor (1º ao 5º ano). Segundo a pesquisadora Sheylane Brandão, o projeto iniciou-se a partir da parceria com três escolas da rede pública de Goiás que ofereceu, nesta parceria, seu espaço, além de atividades lúdicas, artísticas e culturais interligadas ao currículo escolar por meio do planejamento feito conjuntamente com as professoras. Ela conclui:

Essa experiência forneceu subsídios para que fosse pensada a construção da escola de maneira própria, onde as crianças usufríssem dos projetos já constituídos na Vila, de valorização das culturas indígenas e afro-brasileiras. As soluções arquitetônicas foram compatíveis com os poucos recursos econômicos e aproveitando uma casa recém-adquirida no lote ao lado do terreno da Vila Esperança, anos mais tarde. (BRANDÃO, p.26, 2017).

Os espaços da Escola e da Vila ficam em terrenos separados que não possuem ligação entre si, sendo necessário ir pela calçada de um portão ao outro. Ao adentrar o portão de entrada da Escola, avista-se um caminho de pedras e um muro com bastante vegetação, e um pequeno depósito à esquerda. Mais à frente fica a Praça do Sol, que é o lugar de chegada e acolhimento. É um pátio descoberto em formato circular com pequenos parapeitos pintados de amarelo. Esse espaço dá acesso à Casa da Lua, um espaço de apresentações culturais, pintado na cor azul com cadeiras e coxias.

[4] https://www.vilaesperanca.org/?page_id=2



Figura 01: Entrada da EPOK



Figura 02: Caminho de Pedras



Figura 03: Praça do Sol



Figura 04: Casa da Lua

Seguindo o caminho, mais à frente está a entrada da casa onde funcionam as salas de aula. Os espaços correspondem a uma casa de fato e as salas se distribuem em cada um desses ambientes. A Escola possui um total de 4 salas de aula, as turmas de 2º e 3º, 4 e 5º, dividem as mesmas salas separadas em dois grupos. No centro das salas de aula, existe a Sala Passaredo, local onde as crianças iniciam o dia com um momento chamado de Bom Dia. Neste momento elas compartilham conversas, ouvem músicas, assistem filmes. Depois da circular com pequenos parapeitos pintados de amarelo. Esse espaço dá acesso à Casa da Lua, um espaço de apresentações culturais, pintado na cor azul com cadeiras e coxias.

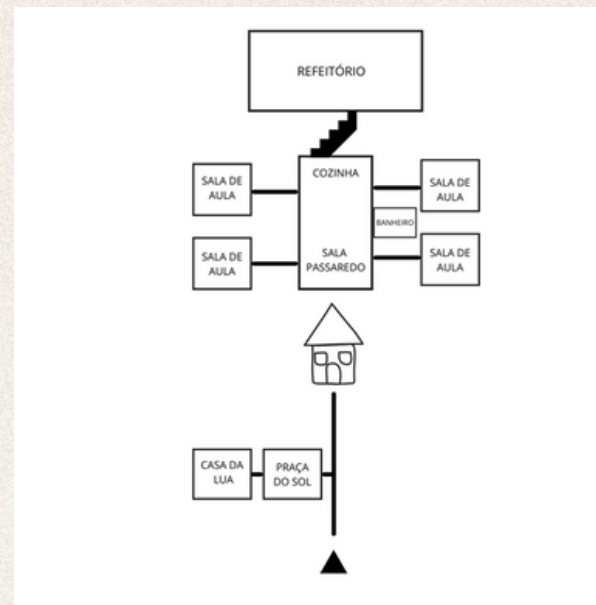


Figura 05: Esquema de distribuição dos espaços da EPOK

Todas as atividades realizadas no espaço da escola são feitas no período da manhã. Na parte da tarde todas as atividades são feitas no espaço da Vila. Segundo Brandão, não há uma rigidez com os horários e com as atividades relativas ao dia da semana, mas procura-se manter uma rotina de organização, apesar de flexível



Figura 05: Refeitório

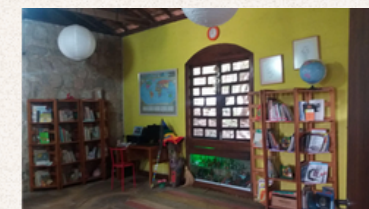


Figura 06: Sala Passaredo



Figura 07: Sala de Aula

O Espaço Pluricultural possui outro acesso, e ocupa um terreno maior que o da escola, com a topografia bem acidentada. Também conta com bastante vegetação e é separado por diversos ambientes com diversas finalidades. Logo na entrada, após a recepção fica o espaço de Cultos Africanos, e do lado esquerdo um caminho inclinado que acessa o Quilombo, um espaço circular com vitrões coloridos e alguns artefatos expostos. É nesse ambiente que ocorrem diversas atividades, tais como dança terapia com as turmas menores de ensino infantil e 1º ano, atividades com o público externo, entre outros.



Figura 08: Quilombo



Figura 09: Quilombo



Figura 10: Escada das Formas



Figura 11: Praça do Tempo



Figura 12: Castelinho



Figura 13: Playground



Figura 14: Viveiro

A partir do Quilombo, é possível acessar dois locais, à direita acessamos a Praça do Tempo por meio da Escada das Formas, que serve também de platéia, e logo após fica a brinquedoteca, apelidada de castelinho pelos alunos. É uma casinha de dois andares com diversos brinquedos organizados pelo ambiente de forma bem acessível às crianças. Seguindo o caminho, passa-se por um viveiro com alguns animais até chegar no refeitório e escovódromo, local onde as crianças também fazem refeições. Mais aos fundos, já próximo ao rio, é onde fica um playground ao ar livre.

Na outra lateral em relação ao quilombo, podendo ser acessado também pelos fundos por meio de uma passarela, chamada de Caminhos dos Ancestrais, é onde ficam os ambientes: Memorial Indígena, que se abre para uma escadaria de pedras com pinturas Astecas, Incas e Maias, chamada de Teatro Território Livre; o circo, local onde ocorrem diversas atividades; o Centro de Capoeira, um pátio com uma salinha para guardar os instrumentos; A Aldeia, um local com várias casinhas que fazem referência às construções indígenas e que servem como alojamento.



Figura 15: Memorial Indígena



Figura 16: Teatro Território

Dessa forma, o Espaço Pluricultural Vila Esperança e a Escola Odé Kayodê, mostram que a relação da arquitetura com o espaço escolar é de extrema importância no cotidiano das crianças. É nesse lugar que, junto do conhecimento do currículo escolar adquirido durante a jornada de aprendizado, as crianças aprendem sobre cultura, diversidade, têm contato com o outro e com a natureza, aprendem a se expressar por meio do brincar, dançar, cantar, contar histórias e conversar. Todos esses aspectos são possibilitados pela diversificação de ambientes e a dinamicidade do lugar.

Centro de Educação Infantil Criança Feliz



Figura 17: Fachada do CEI Criança Feliz. Fonte: Prefeitura de Xinguara

Os espaços da Escola e da Vila ficam em terrenos separados que não possuem. A Escola Municipal de Ensino Infantil Criança Feliz fica localizada no município de Xinguara e foi implantada em um bairro relativamente recente na história da cidade, o Jardim América. Trata-se do primeiro loteamento implantado nos limites da área urbana consolidada em aproximadamente 2011 e que hoje é uma área urbana consolidada dentro do município, composto majoritariamente por lotes residenciais. Posteriormente à implantação do Jardim América e na medida em que ele foi se consolidando, muitas imobiliárias perceberam o potencial de expansão urbana na área e novos loteamentos foram surgindo bem próximos a ele. Dessa forma, foi gerada a necessidade da implantação de novos equipamentos urbanos de várias espécies para essa nova área da cidade, essa escola foi construída para atender a uma dessas novas demandas presentes no local.



Figura 18: Localização do Jardim América. Fonte: Google Earth; modificado pela autora

A creche foi instalada em Xinguará por meio do Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância). Segundo o site do FNDE[5] descreve, o Programa foi uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do Ministério da Educação, visando garantir o acesso de crianças a creches e escolas, bem como a melhoria da infraestrutura física da rede de Educação Infantil. As Escolas Infantis deste programa possuem modelo padrão, ficando a critério da gestão aderir ou não às propostas, desde que atendam os critérios mínimos de dimensão, mobiliários e programa de necessidades. Além do projeto completo da creche, o Programa disponibiliza mobiliários, tais como mesas, cadeiras, berços, bebedouros, fogões e geladeiras.

Seguindo o modelo padrão proposto pelo Proinfância do tipo B - que atende uma demanda de 224 crianças em dois turnos ou 112 em período integral em uma faixa etária de 0 a 5 anos e 11 meses - a escola atende crianças de 2 a 5 anos em período integral. Pedagogicamente, segue os planos da BNCC, no entanto, segundo a coordenação, nem todas as diretrizes são realmente atendidas por falta de material pedagógico. Dessa forma, sempre há uma adequação às necessidades das crianças com o material disponível, seja adquirido por recurso próprio ou advindos do Ministério da Educação.

A distribuição espacial da escola ocorre da seguinte forma: dois blocos pedagógicos, um bloco administrativo, um setor de serviços, pátios cobertos e descobertos e playground.



Figura 19: Planta Baixa CEI Criança Feliz. Adaptado pela autora. Fonte: FNDE

[5] Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/proinfancia/sobre-o-plano-ou-programa/sobre-o-proinfancia>

Os pátios, coberto e descoberto, encontram-se no centro da edificação e os outros blocos situam-se em volta deles. A parte coberta, que serve também de refeitório, possui um pé direito alto e possui um contraste acentuado em relação ao mobiliário que nele se encontra, mesinhas e cadeiras pequenas para atender o tamanho dos seus usuários. É nesse mesmo pátio onde ocorrem brincadeiras nos horários ensolarados - já que a edificação não dispõe de muita vegetação - e em dias chuvosos. No pátio descoberto, existe a presença de um gramado onde foi inserido um pergolado. E mais ao fundo um playground com escorregadores, balanços, e etc.

As salas de aula que se distribuem nos dois blocos pedagógicos e, segundo o projeto, apresentam-se em quatro tipologias, creche I, creche II, creche III, pré-escola e sala multiuso. A Creche I foi projetada para crianças de 0 a 1 anos, possui sala de alimentação, fraldário e sala de repouso e a parte de atividades. A Creche II, projetada para crianças de 1 a 2 anos, possui sanitário e repouso além da área de atividades. A Creche III, para crianças de 3 a 4 anos, possui sala de repouso e atividades, e a Pré Escola, para crianças de 4 a 6 anos, possui apenas a sala de atividades.

No entanto, como foi dito anteriormente, a escola atende alunos de 2 a 5 anos e os usos não condizem com as do projeto. As Creches I e II são utilizadas por alunos de 2 anos, Creche III por alunos de 3 anos, Pré escola e sala multiuso são utilizadas por crianças de 4 e 5 anos, respectivamente. Diante disso, algumas salas não condizem com a real demanda dos alunos, e alguns espaços ganharam outros usos ou se tornaram obsoletos. Foi necessário também, a construção de mais

uma sala de aula no padrão das salas Creche III, no entanto, não foi feita a sala de repouso, considerada um espaço residual pelos professores, pois diminui o tamanho útil das salas de atividades, são muito pequenas e próximas ao pátio. Todas as salas possuem acesso a um solário e contam com grandes janelas de vidro que garantem boa visibilidade e iluminação solar.



Figura 20: Planta Baixa CEI Criança Feliz. Adaptado pela autora. Fonte: FNDE

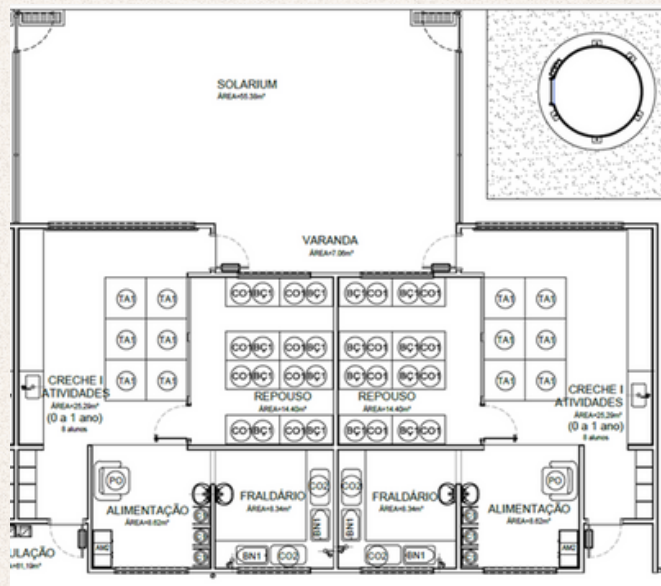


Figura 21: Planta Baixa Creche Tipo I. Fonte: FNDE

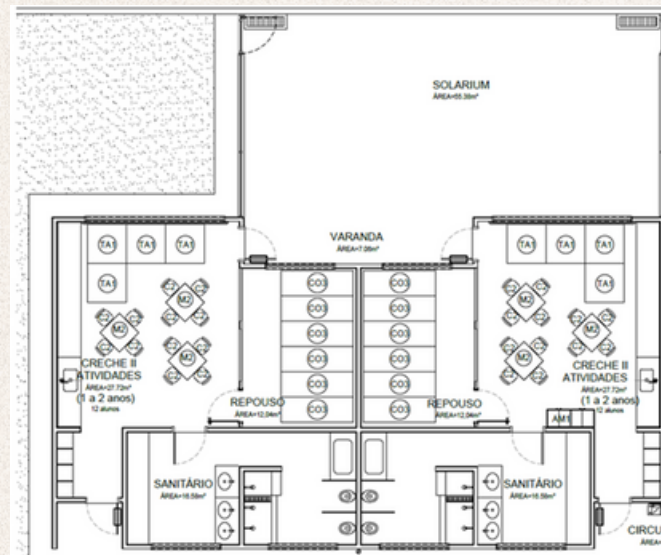


Figura 22: Planta Baixa Creche Tipo II. Fonte: FNDE

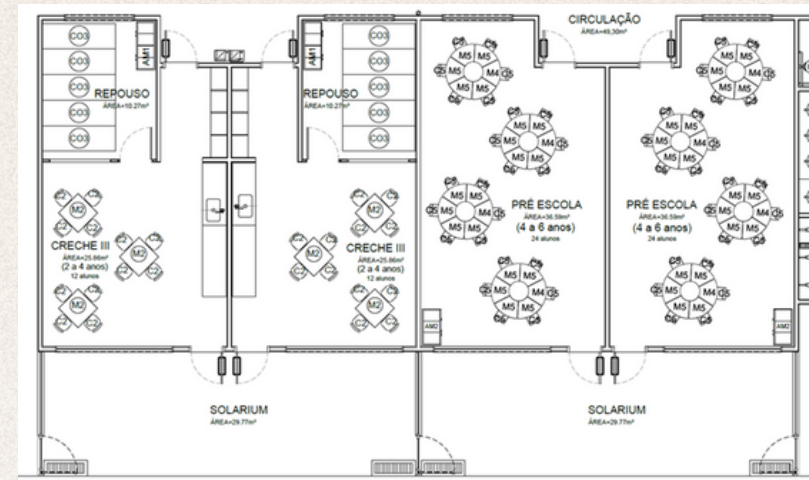


Figura 23: Planta Baixa Creche Tipo III e Pré Escola. Fonte: FNDE

Os mobiliários das salas de aula são compostos por mesas e cadeiras e algumas estantes para guardar livros e brinquedos. As mesas podem ser utilizadas de forma individual ou, se juntas, formam uma mesa coletiva em formato hexagonal. Também possuem alguns tatames para a hora do sono ou para brincadeiras.



Figura 24: Sala multiuso. Fonte: Ricardo Valente Figura 25: Sala multiuso. Fonte: Ricardo Valente

Além dos sanitários presentes nas salas da Creche II, existe a presença de mais dois com uso separado por sexo, na lateral esquerda do edifício, entre a Pré-Escola e a Sala Multiuso.



Figura 26: Sanitário. Fonte: Prefeitura



Figura 27: Sanitário. Fonte: Prefeitura

A parte de serviços conta com lavanderia e rouparia, Copa, DML, despensa, cozinha, lactário, vestiário e banheiros para funcionários, além de um buffet para servir comida às crianças. Já a parte administrativa conta com recepção, hall de entrada, secretaria, diretoria, sala dos professores, almoxarifado, atualmente funciona a biblioteca, e banheiros.

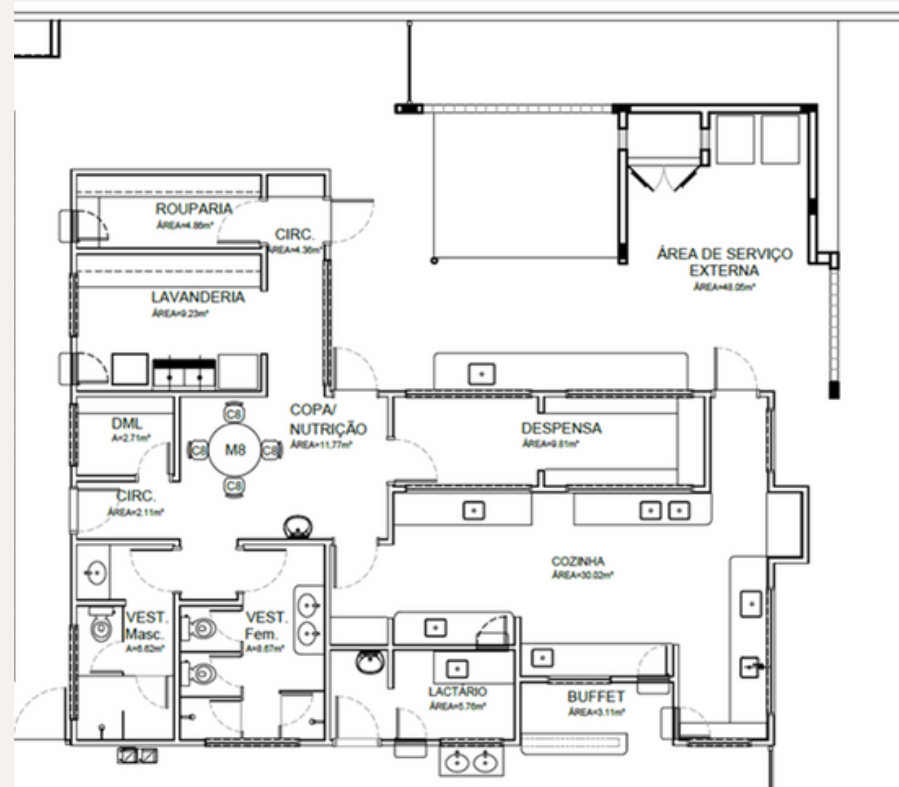


Figura 28: Planta Baixa Setor de Serviços. Fonte: FNDE

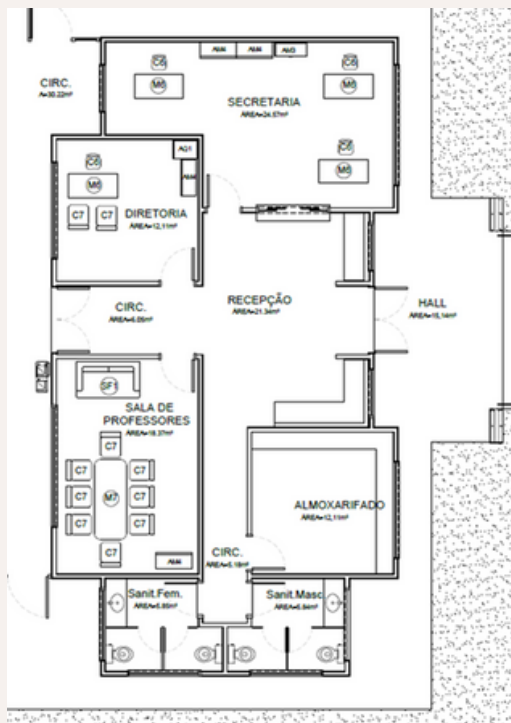


Figura 29: Setor Administrativo. Fonte: FNDE

1.1.1. Relato Pessoal de Visita a Creche

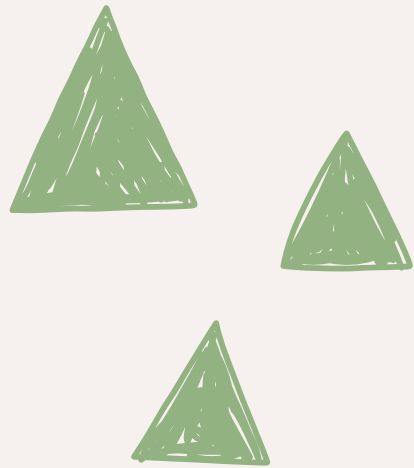
Ao adentrar a creche já damos de cara com o pátio coberto de pé direito alto em contraste com as mesinhas e cadeiras pequenas espalhadas por ele, o pátio é feito com estrutura metálica aparente. Logo que entro no pátio, à minha direita encontra-se a cozinha e mais a frente, ainda nessa lateral, algumas salas de aula. À minha esquerda, mais um bloco de salas de aula. Ao fundo, encontra-se uma área externa com parquinho e um pergolado com balanços. A vegetação resume-se a um gramado sob parte desse parquinho e

um pergolado com balanços. A vegetação resume-se a um gramado sob parte desse parquinho e pergolado. Ao entrar nas salas de aula a impressão que tenho é de estar em um ambiente hospitalar, pois as salas de aula são cobertas com uma cerâmica branca e as portas são todas metálicas. Logo na entrada, tem uma prateleira que abriga cadernos e alguns livros, ao lado dessa prateleira uma bancada com pia. Todas as salas possuem papéis na parede com os números e letras do alfabeto, sendo esse o único ponto de ludicidade nessas salas. O mobiliário se resume a mesinhas e cadeiras, uma bancada de apoio para os professores à frente, nas mesinhas algumas crianças escrevendo em seus cadernos, segundo a coordenação, as atividades alfabetizadoras são feitas com as crianças desde os dois anos, não vejo a presença de brinquedos ou de mobiliários estimulantes. Nas salas para crianças de 3 anos existe uma separação da sala de aula para um outro espaço destinado a hora do sono, separação considerada desnecessária e disfuncional pelos servidores da creche, pois além de tornarem os dois espaços pequenos, o local de dormir fica voltado para o corredor central, local de maior fluxo de pessoas. Apenas as salas para crianças de 2 anos possuem banheiro e vestiário. Os demais fazem uso do banheiro social localizado no centro da ala lateral esquerda. As salas possuem grandes janelas de vidro, o que é um ponto positivo no que diz respeito a entrada de luz natural, no entanto, não existe nenhum tipo de controle dessa entrada de luz, dessa forma, há a existência de cortinas improvisadas pelos professores.

Todas as salas possuem acesso a uma pequena área externa, que são separadas por grades e um portão de acordo com o limite de cada sala. Quando abro a porta que acessa este ambiente me deparo com mais concreto, o piso pintado de azul e nenhum tipo de vegetação pa-

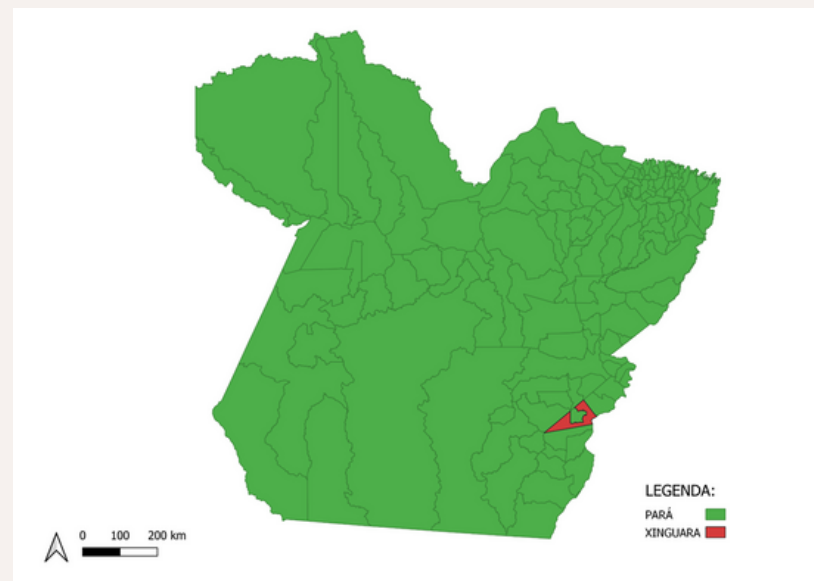
ra sombreamento e sem a existência de mobiliários. Se resume a um espaço separado por grades, vazio e sem vida. Na parte frontal do edifício é onde fica a parte administrativa, logo na entrada existe um pequeno espaço com um banquinho em L cheio de brinquedos e o nome "brinquedoteca" colado acima desse banco. Implantada nessa parte fica a biblioteca, um espaço pequeno com prateleiras cheia de livros, primeiro momento que me deparo com algum material pedagógico fornecido pelo Ministério da Educação.

A sensação que tenho nesse espaço é de estar em um ambiente com muito concreto e mesmo sabendo que é um espaço destinado a educação infantil, minha mente associa muito aos ambientes hospitalares. Fora alguns pontos de cores presentes no local, não existe muita ludicidade resultando em ambientes pouco estimulantes. Senti muita falta de mobiliários mais adequados, lúdicos, desafiadores, bem como a falta de contato com elementos da natureza com vegetação, árvores, frutas, flores e água.



REALIDADE LOCAL

Para entender melhor a dinâmica educacional do município, é importante fazer uma breve contextualização sobre a cidade de Xinguara. Localizada ao sul do estado do Pará, é conhecida atualmente como “capital do boi gordo”, o município de Xinguara era denominado Entroncamento no início do seu povoamento por situar-se no cruzamento das vias que davam acesso as cidades que margeavam os rios Xingu e Araguaia. Foram os nomes desses rios que deram luz ao nome do município, por se tratar da junção dos mesmos: “Xingu-Ara”. A cidade foi emancipada em 1982 e recebeu migrantes de diversos lugares do país, principalmente dos Estados de Goiás, Maranhão, Tocantins, Piauí e Minas Gerais, que vieram em busca de terras para pecuária e agricultura. Atualmente, a economia gira em torno de três grandes frigoríficos que produzem e exportam uma grande quantidade de carne para diversos países.



Mapa 02: Município de Xinguara. Autoria Própria



Figura 30: Entrada da Cidade. Fonte: Google Imagens

O município que se localiza a 629 km da capital do Estado do Pará, Belém, possui, segundo IBGE (2010), uma população estimada de 45.416 pessoas, uma densidade demográfica de 10,74 hab./km² e taxa de escolarização de 96,6%. Segundo levantamento feito pela professora e pesquisadora Viviane Oliveira em 2017, o município atendia a 13 escolas urbanas e 8 rurais de Ensino Fundamental e 5 creches, com um total de 9241 alunos matriculados, e duas escolas de ensino médio com 1140 alunos matriculados em 2021.

Em relação ao Ensino Infantil, segundo a SEMED, a demanda é grande em relação ao número de creches disponíveis. Atualmente, o município possui 6 escolas públicas de Ensino Infantil e, possui aproximadamente 2752 crianças de 0 a 4 anos[6]. Uma questão que deve ser considerada é que a maioria das escolas de ensino infantil da cidade atende apenas crianças de 0 a 2 anos, tendo apenas uma que atende crianças de 0 a 5 anos, outra que atenderá essa faixa etária está sendo construída nos fundos da escola Clementina Natal no bairro Mariazinha. Para amenizar o problema, algumas escolas de ensino fundamental implementam em seu plano pedagógico o ensino pré-escolar, que instrui crianças de 4 a 5 anos que em seguida entrarão para o ensino fundamental menor. Fator que pode ser problemático, pois o plano pedagógico de ensino infantil acaba não sendo trabalhado separadamente do plano pedagógico do ensino fundamental e suas particularidades e necessidades não são atendidas da forma correta. De acordo com a Secretaria de Educação de Xinguara, as escolas seguem o padrão do Ministério da Educação e os planos da BNCC. No entanto, cada uma adequa esse padrão e diretrizes de acordo com a realidade em que estão inseridas, que muitas vezes diferem de um bairro para outro.

[6] Fonte: IBGE, 2010: disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/xinguara/pesquisa/23/25888?detalhes=true>. Acesso em: 23/10/2021

O Bairro Jardim Tropical.

O bairro Jardim Tropical, local escolhido para implantação do projeto, é um empreendimento novo que está inserido em uma área de expansão urbana e que vem tomando forma desde o ano de 2015. Pode-se dizer que esse bairro se subdivide em duas partes, mais a frente e próxima a Br 155, é onde estão inseridos os lotes à venda pela imobiliária Buriti e onde encontra-se uma classe social de maior poder aquisitivo com condições de comprar e construir suas moradias. Mais ao fundo é onde localizam-se moradias populares, tanto do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), quanto de casas financiadas pela Caixa.

Assim como o Jardim América, esse bairro está situado em um local da cidade onde existe um grande contingente de residências, mas que os equipamentos públicos ainda não estão disponíveis para suprir as necessidades desses moradores. Dando apenas uma volta por esses locais já fica perceptível a falta de equipamentos de educação, cultura, lazer, saúde, e outros serviços essenciais que garantem uma boa qualidade de vida.

As residências do Minha Casa Minha Vida foram entregues no dia 13 de fevereiro de 2020 e a prefeitura assegurou que alguns critérios fossem atendidos para escolha das famílias sorteadas. Analisando esses critérios é possível traçar um perfil socioeconômico da população que ocupa essa parte do loteamento. Os moradores deveriam ter uma renda per capita de até 1800 reais, estar residindo há pelo menos 5 anos na cidade, não possuir nenhum imóvel em seu nome. Dentre as famílias que atendiam esses critérios, algumas possuíam prioridades no momento da escolha, dentre elas, casas chefiadas por mulheres, idosos, portadores de necessidades especiais

e casais com filhos.

Depois da entrega e mudança das famílias para o loteamento, surgiram diversos desafios em relação a escolarização das crianças, pois no local não havia escolas próximas que atendessem ao novo contingente de alunos. Segundo a SEMED, a estratégia inicial foi de manter as crianças matriculadas nas escolas nas quais já estavam anteriormente à mudança, sendo necessária a utilização de ônibus escolares para fazer esse traslado diário, já que essas crianças estão localizadas em vários bairros da cidade. Ainda segundo a Secretaria de Educação, grande parte das crianças residentes nesse bairro não têm acesso à Educação Infantil devido ao número limitado de vagas disponíveis para essa faixa etária na cidade, cabendo aos responsáveis procurarem por alternativas mais onerosas, como o ensino particular, ou mesmo preferindo não matricular seus filhos em nenhuma instituição deixando aos cuidados dos avós, vizinhos, parentes próximos, entre outros.

Estudo do lugar

Localização

O Jardim Tropical localiza-se na parte sudeste da cidade, sentido cidade Conceição do Araguaia, e encontra-se em uma zona considerada de expansão urbana, por conter diversos loteamentos recém inaugurados que ainda estão em fase de consolidação. Ele fica a uma distância considerável da praça da prefeitura, referência central da cidade.



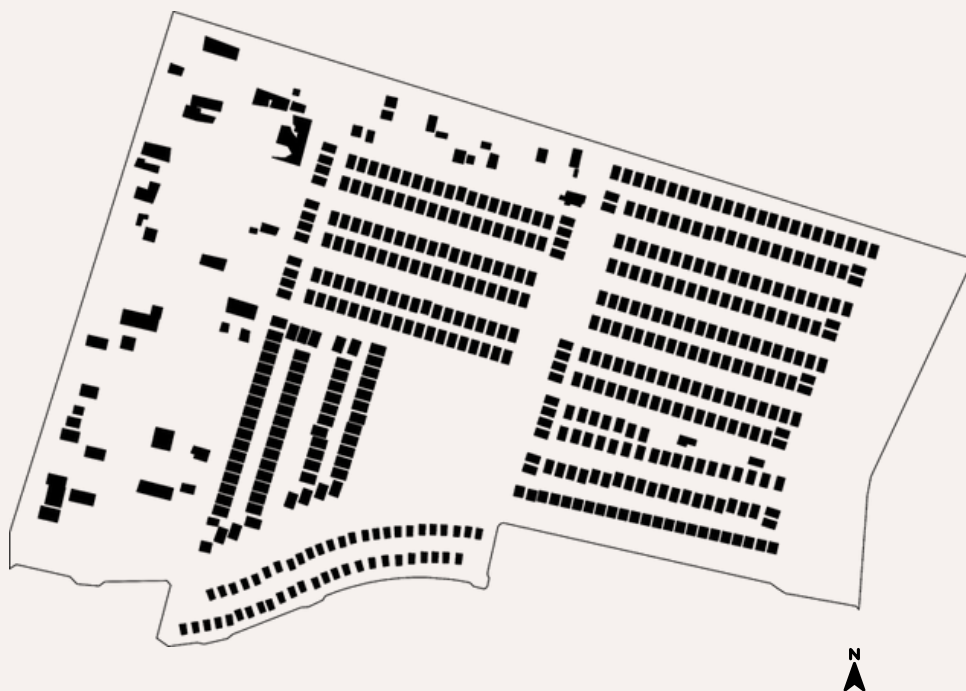
Figura 31: Mapa de Localização. Fonte: Google Earth. Modificado pela autora



Figura 32: Rua do Loteamento Jardim Tropical

Cheios e Vazio

Por meio da análise do mapa, fica perceptível que a ocupação do bairro segue um padrão, justamente por bairros do programa de moradia Minha Casa Minha Vida ter essa configuração de modelos de casas que se repetem ao longo dos lotes. Nas duas quadras a oeste, esse padrão se diferencia por tratarem-se de casas que não fazem parte do programa de moradia. Um grande lote vazio no meio foi reservado como área institucional. É este lote que abrigará a creche a ser projetada no presente Trabalho de Conclusão de Curso.



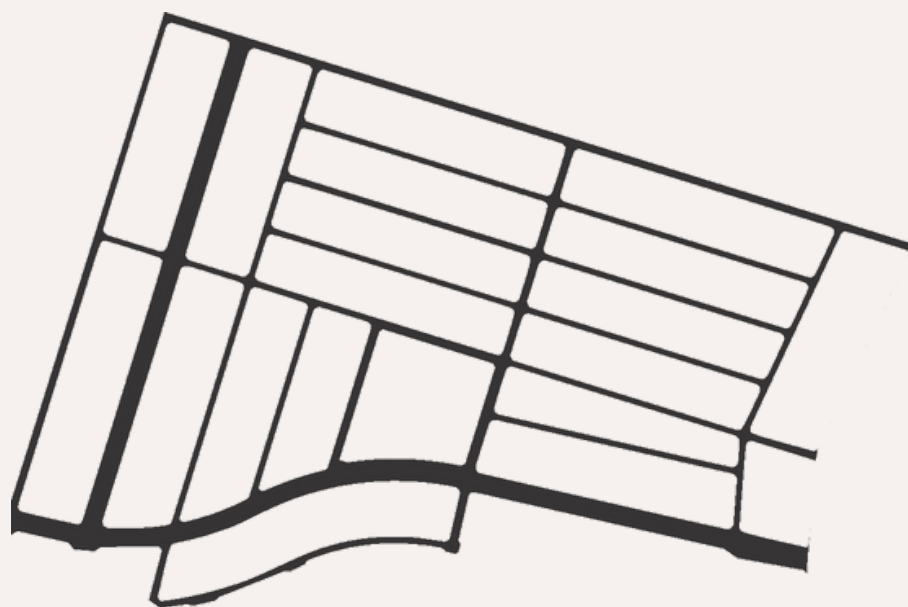
Mapa 04: Cheios e Vazios. Autoria Própria

Hierarquia Viária e Malha urbana

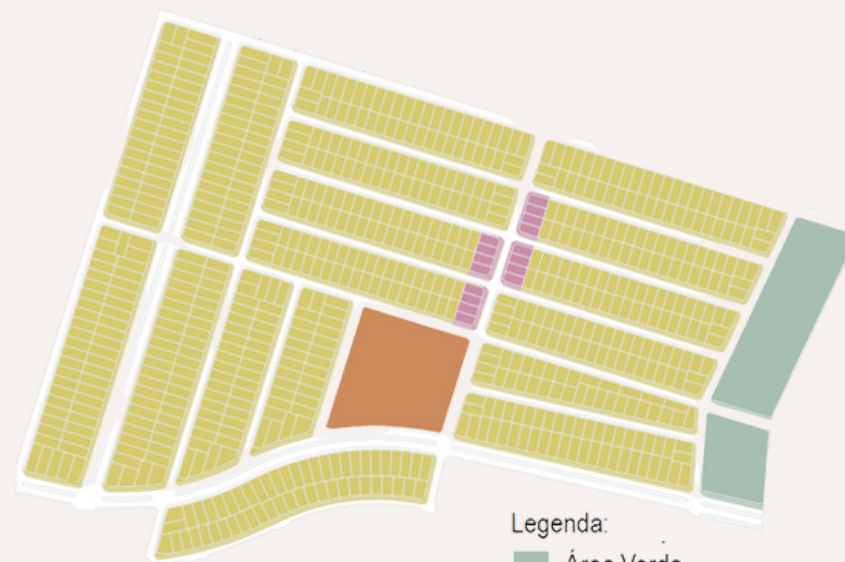
A área é cortada por dois eixos viários principais, a Av. dos Buritis, que liga o terreno à BR 153 e é o principal acesso do bairro; e a Av. dos Ipês, que liga a Av. dos Buritis à Rua Hermes Dantas, rua que dá acesso ao Parque de Exposições Agropecuária, um dos marcos urbanísticos e culturais da cidade. A área também conta com um eixo secundário, que liga as ruas locais às avenidas principais, trata-se da Av. C. Dessa forma, a malha urbana que se forma é de lotes retangulares que se adequam a distribuição das vias.



Mapa 05: Hierarquia Viária. Autoria Própria



Mapa 06: Malha Urbana. Autoria Própria



- Legenda:
- Área Verde
 - Lazer
 - Residencial
 - Terreno



Mapa 07: Uso e Ocupação do Solo. Autoria Própria

Uso e ocupação do solo

Por tratar-se de um loteamento de moradia do PMCMV, a ocupação do solo é predominantemente de uso residencial. No entanto, alguns pequenos comércios foram surgindo dentro deste loteamento no qual as pessoas utilizam o próprio espaço da casa para abertura de pequenas padarias, salões de beleza, tabernas, dentre outros. Dessa forma, a área conta com a presença de alguns lotes que podem ser considerados de uso misto. Além disso, o local conta com a existência de uma área verde que os moradores transformaram em uma horta comunitária. A área também conta com 4 áreas de lazer com quadras poliesportivas descobertas, playground e academia ao ar livre.



Figura 33: Área verde transformada em Horta comunitária



Figura 33: Área verde transformada em Horta comunitária



Figura 34: Área verde transformada em Horta comunitária



Figura 35: Área de lazer do loteamento



O PROJETO

Após todos os estudos aqui apresentados, fica claro que a qualidade espacial dos ambientes escolares afeta diretamente a forma que os alunos absorvem o conhecimento e aprendizado. A partir disso, pode-se definir a melhor forma de qualificar o projeto e fazer com que a arquitetura faça parte do currículo dessa escola. Além disso, a partir dos Estudos de Casos e da compreensão da finalidade do ensino infantil, pode-se definir algumas diretrizes projetuais para nortear o projeto. Outro fator importante foi a compreensão da dinâmica urbana do contexto em que o lote está inserido e a melhor forma de adequar o projeto a esse contexto. Tendo em mente todos os estudos feitos até aqui e os direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil, propostos pela BNCC, é possível a criação de diretrizes projetuais que atendam todas as demandas necessárias para esse projeto, bem como a elaboração de um programa de necessidades que se adeque a realidade do bairro.

As diretrizes que irei propor não se baseiam em uma concepção pedagógica fechada, do tipo educação Montessori, Waldorf, etc. Buscarei atender aos seis direitos fundamentais ligados à educação infantil previstos na BNCC (cf. BNCC, p. 40), como forma de manter o compromisso já assumido pelas escolas públicas brasileiras, mas tentando qualificar o espaço arquitetônico que lhes dá vida.

O primeiro direito que a BNCC traz é o de “conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas”. Esse direito pode ser assegurado de diversas formas, dentre elas a criação de um local em comum para que crianças de diversas idades possam interagir em algum momento do dia. Garantir diferentes tipos de mobiliários para os diferentes tipos de corpos, sejam eles de bebês,

crianças ou adultos. Garantir que o projeto seja acessível e inclusivo tanto no aspecto físico quanto no aspecto pedagógico.

Outro direito proposto é o de “brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais”. Para isso acontecer, deve-se ter ambientes em que o brincar possa ser incluído tanto no processo de aprendizagem, que muitas vezes ficam restritos apenas aos espaços de playground e brinquedoteca, quanto em todos os espaços da escola. Dessa forma, a sala de aula deverá ter dimensões maiores, com mobiliários interativos e brincantes, prateleiras acessíveis com brinquedos (individuais e coletivos) de todas as modalidades. Além disso, contará com mobiliários brincantes e versáteis, de modo a permitir a integração dos adultos nas brincadeiras. Isso deve incluir todos os ambientes frequentados por essas crianças, e que esses mobiliários se estendam até a praça que ficará em volta da escola, possibilitando o uso fora do horário escolar ou para outras crianças do bairro. E inserir também ambientes que possibilitem trabalhar com diferentes linguagens: brincadeira, música, teatro, pintura, etc. E espaços para trocas entre as crianças, nos quais elas possam falar e serem ouvidas (através de diferentes linguagens), que propiciem trocas de materiais (alimentos, brinquedos, etc.) trazidos pelas crianças.

Adiante, é indicado o direito de “participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos

materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando”. Podendo ser colocado em prática com a promoção de atividades em conjunto com as crianças para que elas possam se expressar sobre as diversas questões do espaço escolar. A escola deve propiciar ambientes nos quais decisões individuais e coletivas possam ser tomadas em todos os níveis, desde pequenas atitudes até reuniões e assembleias com as crianças.

Também é indicado o direito de “explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia”. Com a criação de salas temáticas sobre história, cultura, pátio interno e externo, contato com elementos da natureza por meio de hortas, pomares, viveiro de animais, piscina, jardins. O plantio, a colheita, o cuidado com os animais, a preparação da comida, etc., devem permitir algum nível de participação das crianças, de modo a servir como experiência relacionada às técnicas e tecnologias de produção e reprodução da vida. A escola deve contar também com salas de circo, música, teatro, pintura, cinema, dança, entre outros. Alguns destes elementos podem avançar para a praça que abriga a escola.

Já o direito de se “expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens” poderá ser colocado em prática também com a criação de uma rádio escola além de um espaço para contação de histórias e discussões sobre as mesmas. Pode-se propor ambientes preparados para o desenvolvimento de atividades físicas que estimu-

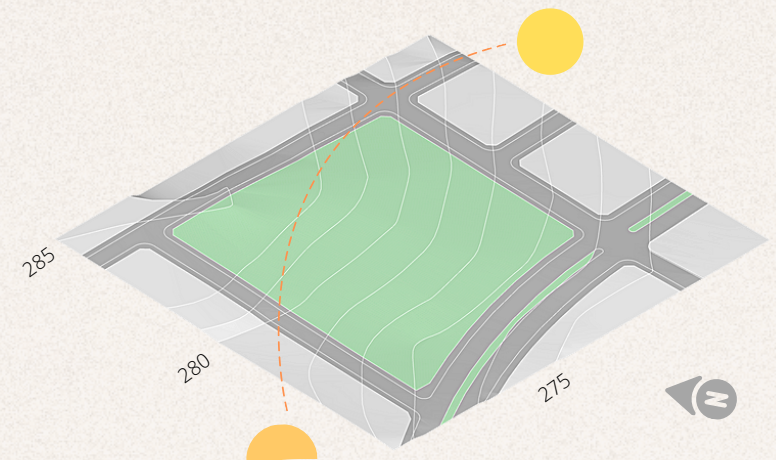
estimulem a coordenação motora e a relação entre corpo e mente. Locais como refeitórios, banheiros, salas de aulas e atividades devem ser projetados como ambientes desafiadores em variados níveis de modo a garantir o exercício das “zonas de desenvolvimento proximal” teorizadas por Vygotsky, estimulando o desenvolvimento da autonomia da criança.

Com a execução de todas essas diretrizes, resulta-se na efetivação do último direito garantido pela BNCC, o de “conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário”.

O TERRENO



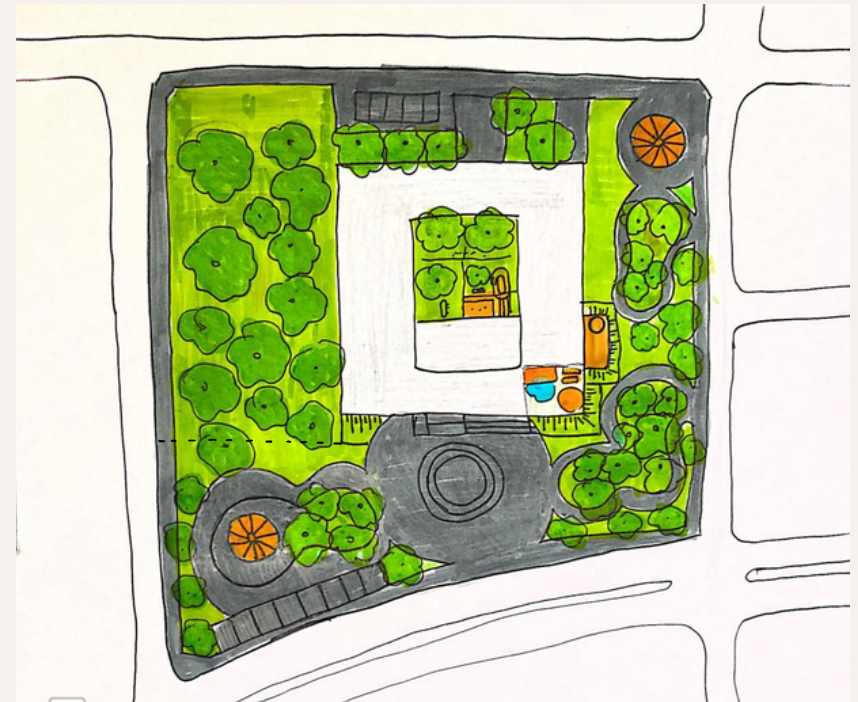
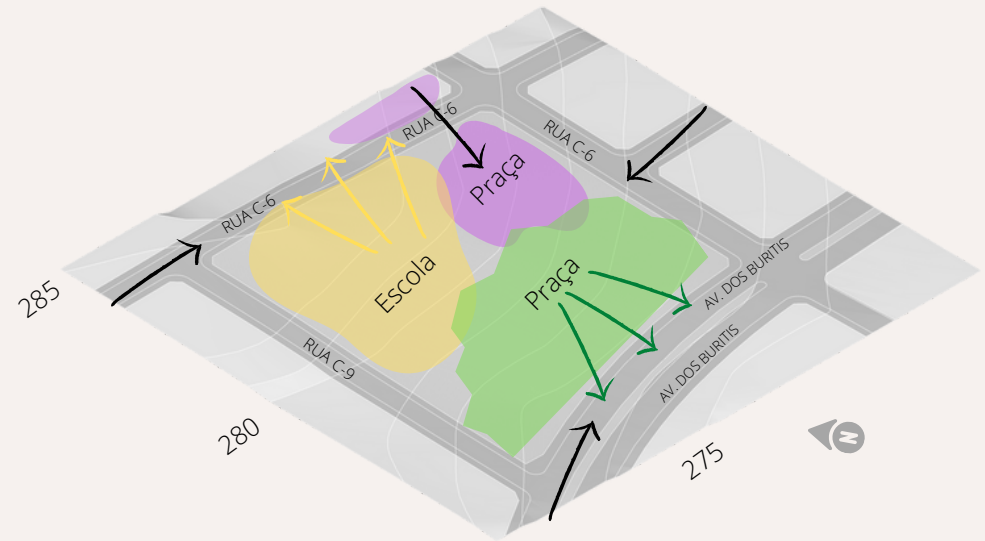
O terreno, assim como foi dito anteriormente, localiza-se entre a Av. dos Buritis e a Av. C, dois dos eixos viários principais que conformam o local. Possui uma área de 12.336 m² e um desnível de 8 metros. Ele fica próximo às áreas de lazer do loteamento e possui vista para montanhas. Atualmente, ele é destinado para construção de um equipamento de uso institucional, porém é utilizado para locação de equipamentos de usos esporádicos, tais como circo e parques de diversão. Atualmente, é ocupado por um circo em um local estratégico, já que fica próximo a áreas de lazer do bairro.



CONCEPÇÃO

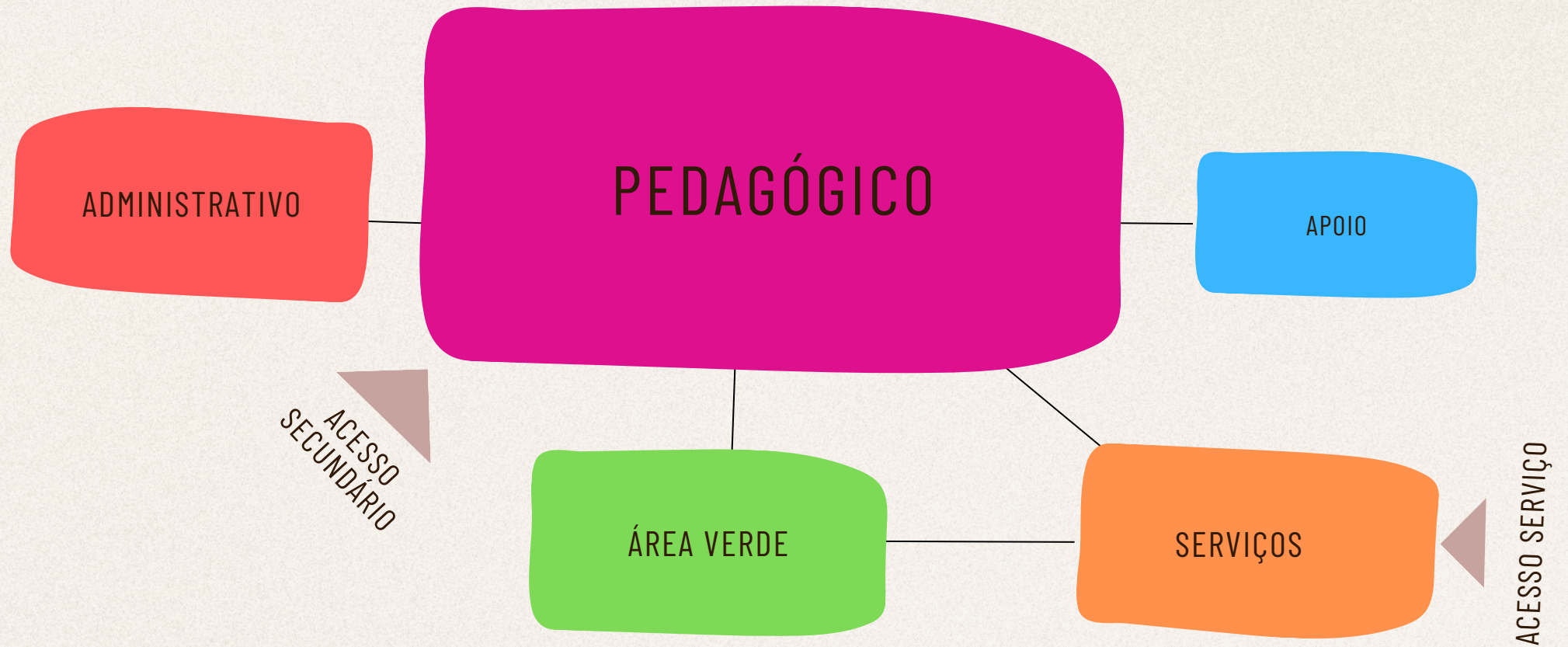
O lote em que o projeto será locado possui uma metragem de 12 mil metros quadrados, um tamanho generoso em relação às demandas construtivas de uma escola infantil. Dessa forma, será implantado, além da edificação, uma praça, que servirá como ponto de integração do espaço escolar com a comunidade, bem como com a cidade.

Dessa forma, a Escola ficará com seu acesso principal voltado para a Rua C-6, de forma que o edifício se abra para o bairro que localiza-se, em grande parte, nas ruas acima ao terreno. Na lateral direita do lote, ficará um ponto de ligação das áreas de lazer já existentes com a praça, contando com um quiosque de quitutes e refrescos, que poderá atender o público da escola também. Já na parte voltada para a avenida dos Buritis, ficará implantada o restante da praça, servindo também, como um ponto de atração do bairro e para a cidade, já que essa avenida é o acesso principal do bairro com o restante da cidade.



FLUXOGRAMA

ACESSO PRINCIPAL



PROGRAMA DE NECESSIDADES

Além da efetivação dos Seis direitos fundamentais previstos pela BNCC, o programa de necessidades foi desenvolvido partindo também do entendimento da realidade do bairro e de sua demanda, que são compostas por:

BERÇÁRIO I - Sala para 15 crianças de 0 a 1 ano

BERÇÁRIO II - Sala para 15 crianças de 1 a 2 anos

SALA DE ATIVIDADES I - Sala para 20 crianças de 2 a 3 anos

SALA DE ATIVIDADES II - Sala para 24 crianças de 3 a 4 anos

SALA DE ATIVIDADES II - Sala para 24 crianças de 4 a 5 anos

O aspecto qualitativo, que tem por base as diretrizes traçadas no tópico anterior, deverá ser garantido mediante adaptações que permitam a formulação de um Programa de Necessidades. Essas adaptações consistem na criação de ambientes versáteis, de modo que não seja necessário criar uma sala para cada tipo de atividade proposta anteriormente. Além disso, o programa deve reiterar alguns ambientes considerados indispensáveis no contexto de qualquer escola de Educação Infantil (espaços administrativos, etc.).

ADMINISTRATIVO

RECEPÇÃO
COORDENAÇÃO
DIRETORIA
SALA DOS PROFESSORES
COPA
VESTIÁRIO
BANHEIRO

SERVIÇOS

LAVANDERIA
DEPÓSITO DE MATERIAL DE LIMPEZA
ROUPARIA
COZINHA
DESPENSA
HIGIENIZAÇÃO

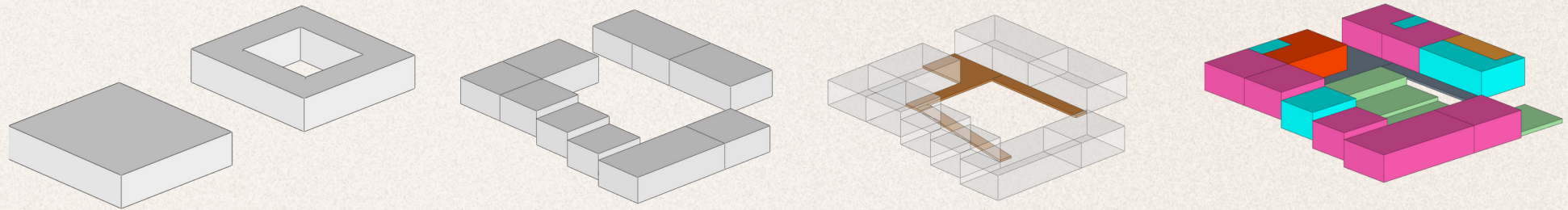
PEDAGÓGICO

BERÇÁRIO I, II
SALAS DE ATIVIDADES I, II, III
BIBLIOTECA
PÁTIO INTERNO
PÁTIO EXTERNO
SALA MULTIUSO (ABRE PARA A COMUNIDADE)
ATELIÊ
ANFITEATRO
RÁDIO ESCOLA
HORTA
PORMAR
VIVEIRO

ALIMENTAÇÃO E HIGIENE

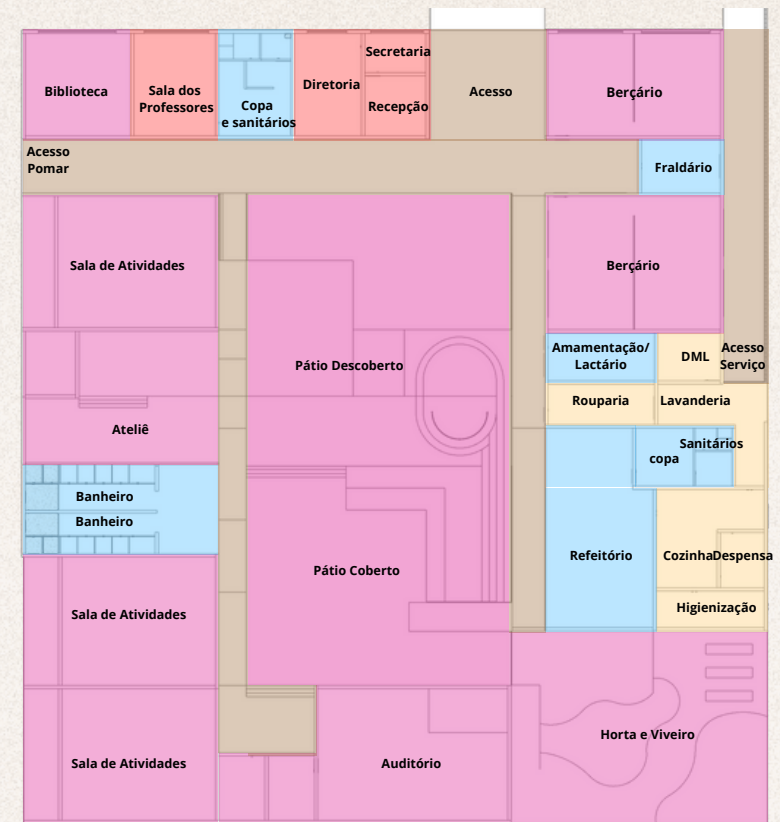
REFEITÓRIO
SALA DE AMAMENTAÇÃO E LACTÁRIO
BANHEIROS
FRALDÁRIO
COPAS

ESTUDO DA VOLUMETRIA E IMPLANTAÇÃO



Levando em consideração que o terreno possui um desnível considerável e tentando interferir o mínimo possível na topografia original, parte edifício foi implantado em desnível, criando pequenos subníveis de 50 cm entre as salas de Atividades bem como no pátio central. Dessa forma, a criança acessa a escola pelo nível da rua e percorre uma circulação formada por varandas com rampas acessíveis, até chegar em sua sala. Em dias não chuvosos, esse caminho pode ser feito pelo pátio por meio dos diversos degraus e talude ali presentes. Esse desnível entre as salas de atividades garante a mediação do espaço mais privativo (eu e meus colegas) com o todo.

A parte do berçário, assim como seus espaços de apoio, encontram-se no mesmo nível na rua, pensando na facilidade do acesso, já que a locomoção dessa faixa etária é mais limitada em relação às outras idades. O bloco de serviços e o refeitório, também se encontram nesse mesmo nível, também pensando na facilidade de acesso no dia-a-dia. O refeitório fica, dessa forma, em uma posição mais alta em relação às salas de atividades e pátio coberto, e esse desnível é vencido por meio de degraus e arquibancadas.



MATERIALIDADE E CONFORTO TÉRMICO

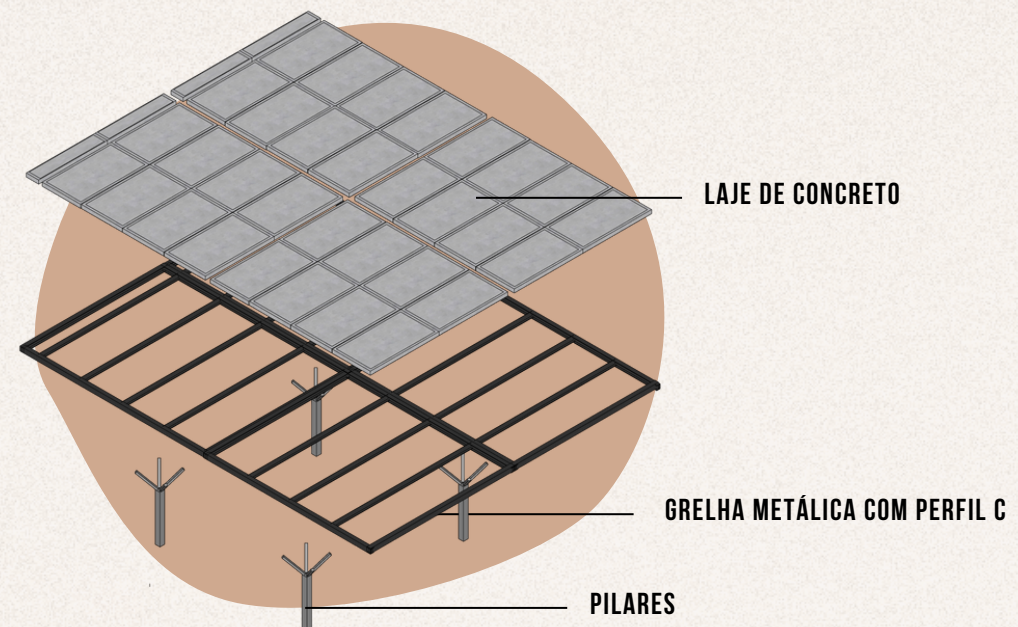
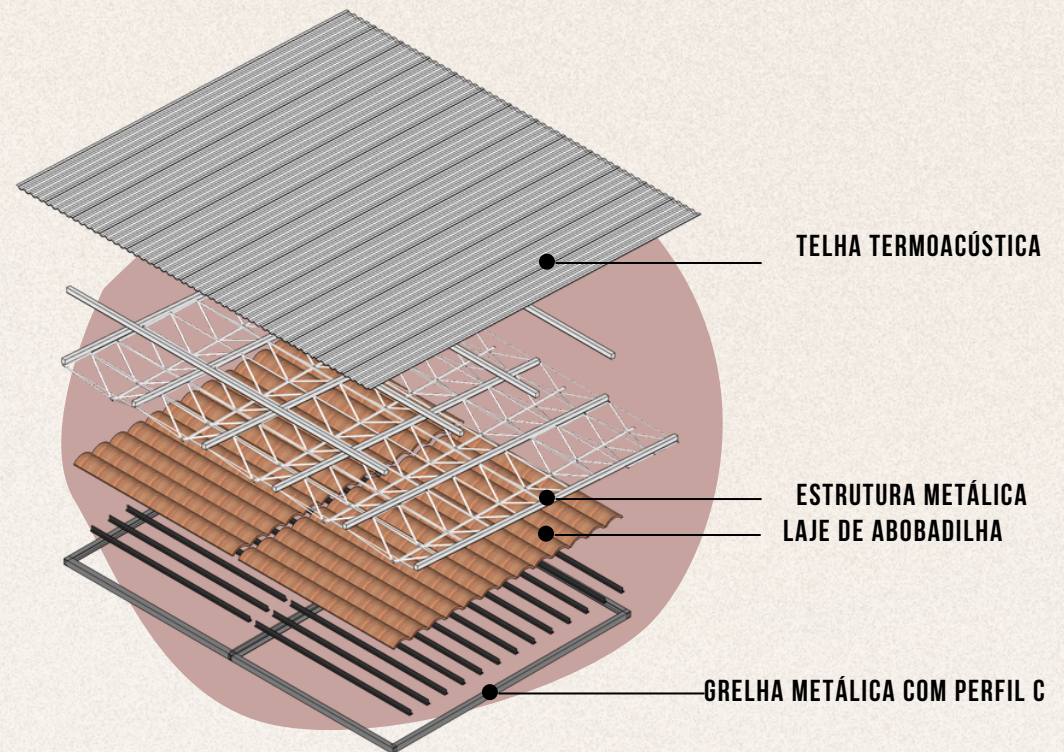
Em torno da maioria dos espaços, foram criadas varandas que servem tanto para garantir sombreamento nos ambientes internos, quando como área de transição entre os espaços internos e externos.

Para espaços pedagógicos da fachada lateral direita foram criados alguns recuos que impedem que o sol se direcione diretamente nas paredes das salas.

Para compensar as grandes aberturas com esquadrias de vidro, optou-se pela utilização de materiais que garantem inércia térmica, tanto nas paredes, que serão feitas por meio da técnica construtiva da Taipa de Pilão, além da utilização de painéis de madeiras que servem como cortina para as portas e janelas de vidro, que podem ser abertas ou fechadas de acordo com a necessidade. Em algumas áreas, será utilizado o cobogó, que garante a entrada de iluminação e permeabilidade visual.

A utilização da Taipa de Pilão, além de garantir um bom conforto térmico por absorver o calor lentamente, é benéfica para esse tipo de construção por ser um material atóxico, tornando o ambiente escolar mais saudável.

Além disso, na cobertura, será utilizado o sistema de abobadilhas com blocos de terra, que se sustentará por meio de uma grelha metálica e coberta por um telhado com estrutura metálica, que com grandes beirais, protegerá tanto a laje quanto as paredes da umidade da chuva. No pátio essa cobertura será feita com uma laje de concreto.



IMPLANTAÇÃO

1/500

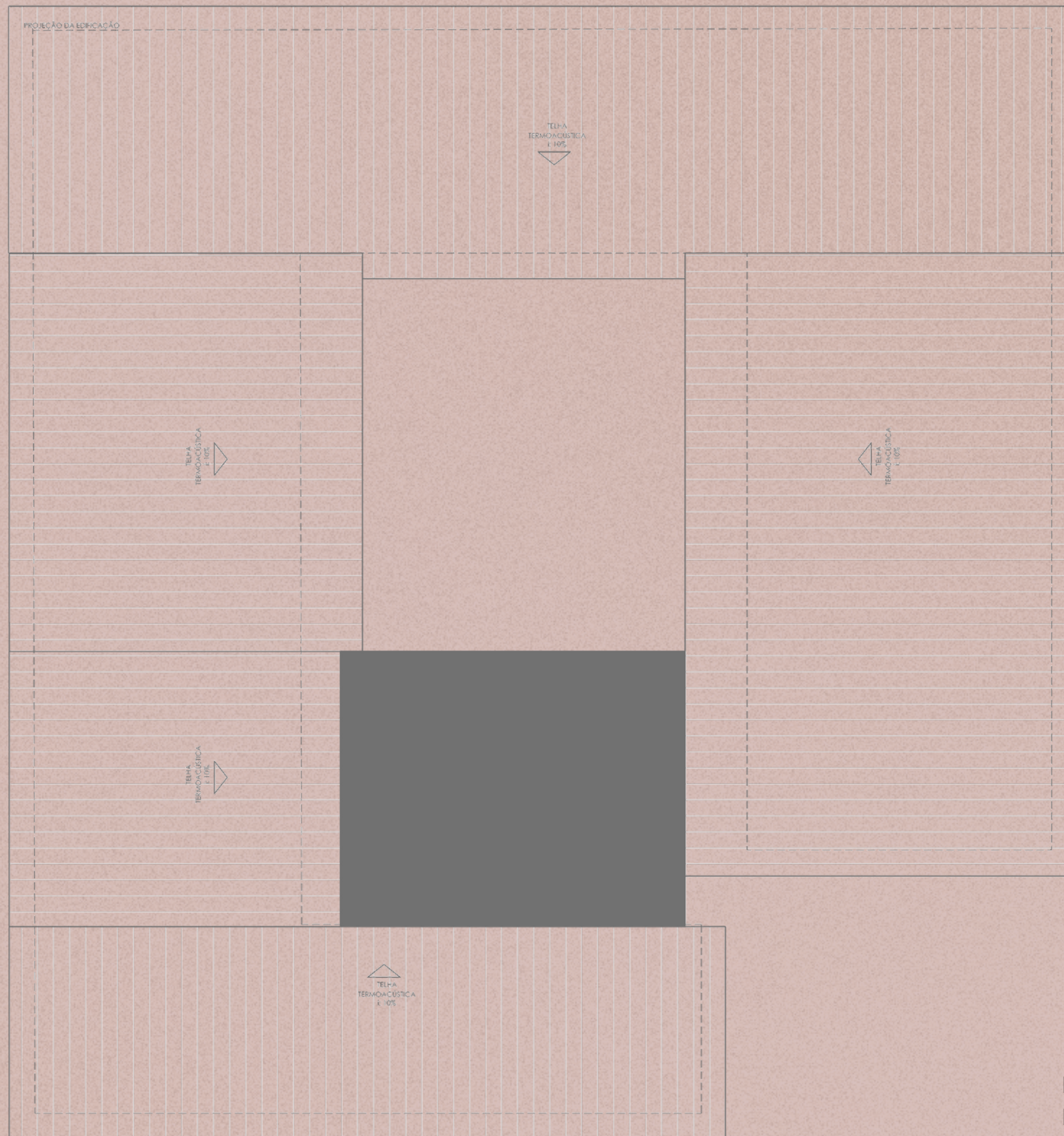




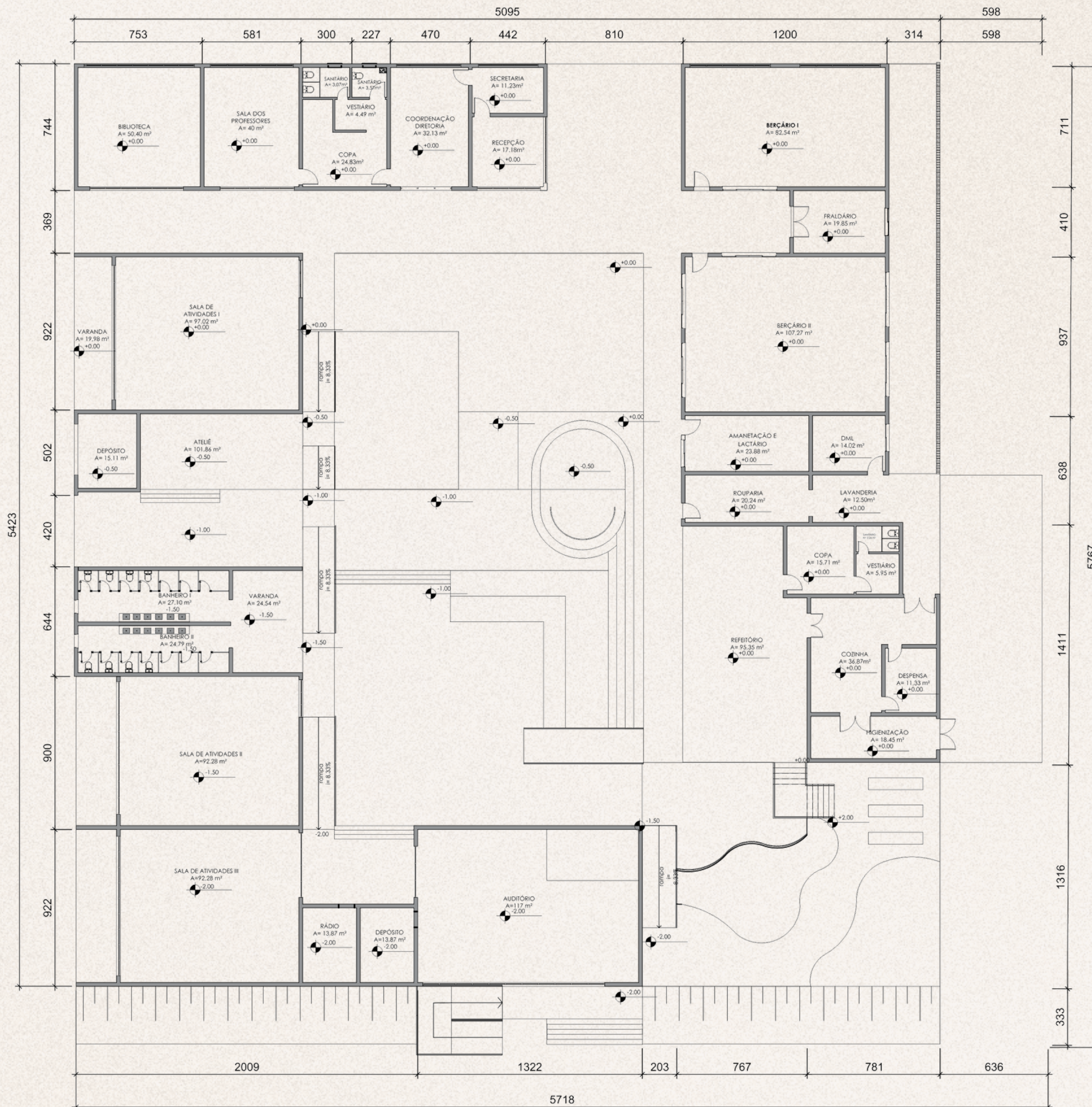
PERSPPECTIVA AXONOMÉTRICA



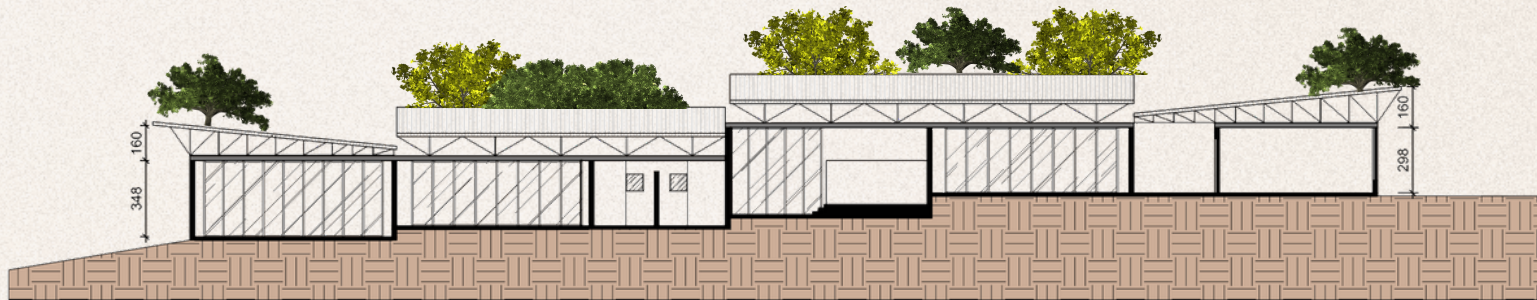
PERSPPECTIVA AXONOMÉTRICA



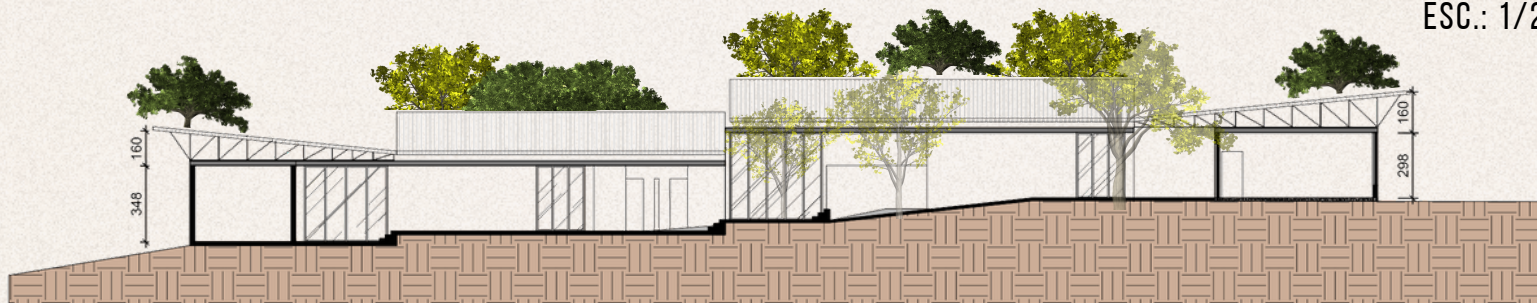
PLANTA DE COBERTURA
ESC. 1/250



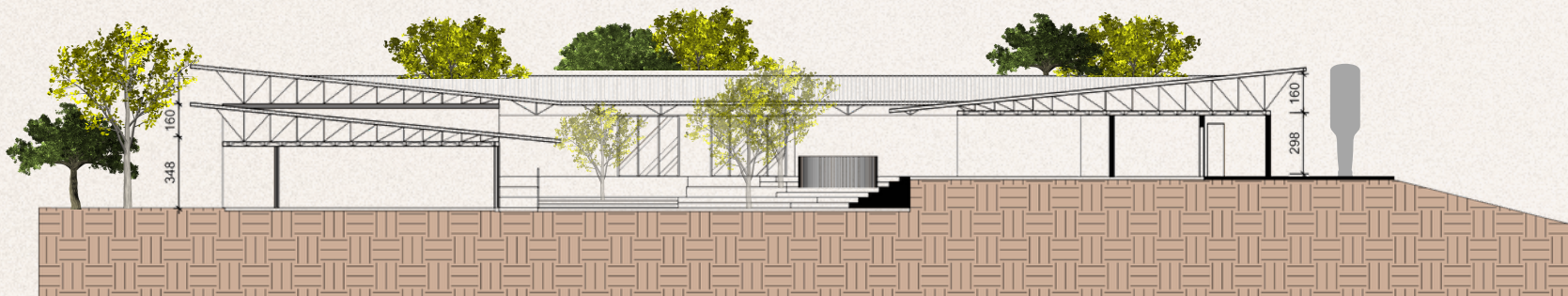
PLANTA BAIXA
 ESC. 1/250



CORTE AA
ESC.: 1/250



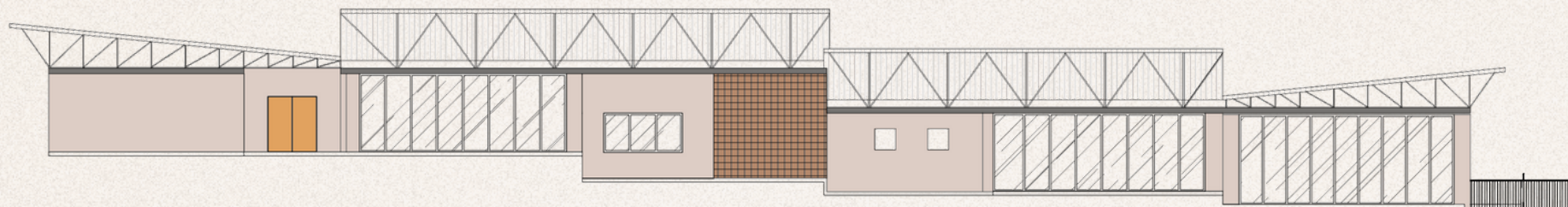
CORTE BB
ESC.: 1/250



CORTE CC
ESC.: 1/250



FACHADA FRONTAL

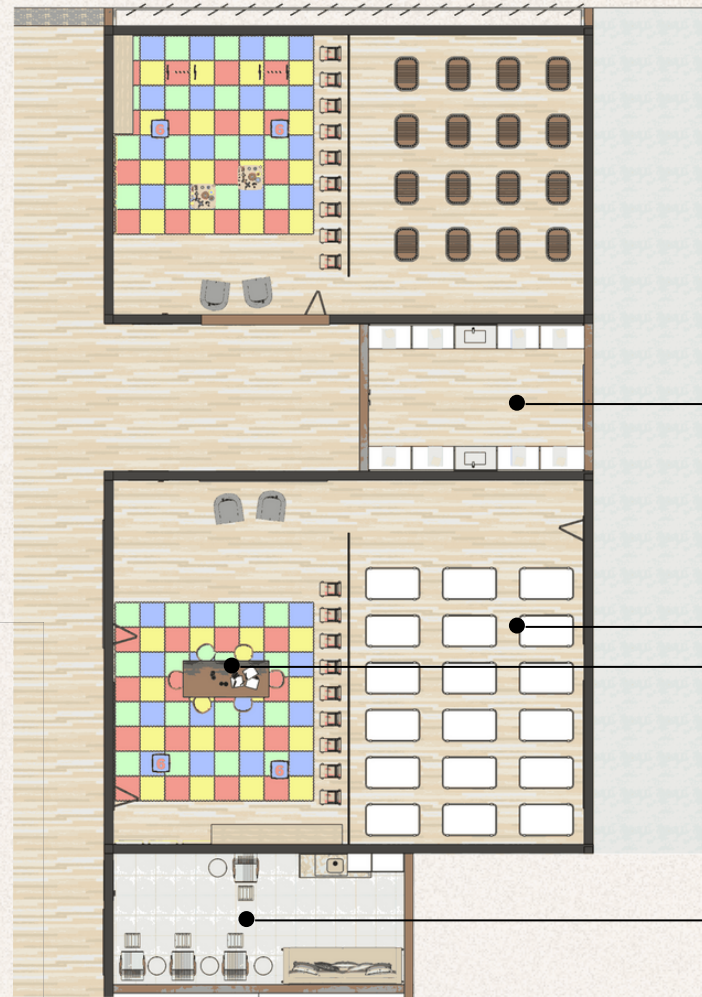
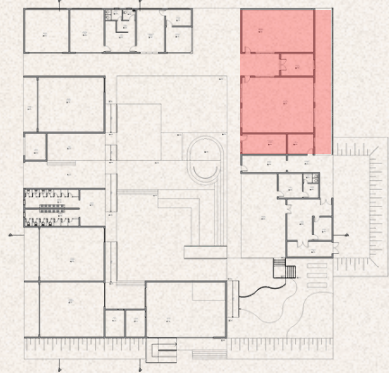


FACHADA LATERAL DIREITA



PLANTA DE LAYOUT

BERÇÁRIOS



BERÇÁRIO I - 0 - 1 ANO

1 - REPOUSO: BERÇOS

2- ESPAÇO DE ATIVIDADES E ALIMENTAÇÃO: TAPETE TATÂME, CADEIRAS DE ALIMENTAÇÃO, BRIQUEDOS ALCOCHOADOS E INTERATIVOS, PRATELEIRAS BAIXAS, ESPELHOS COM BARRA DE APOIO.

3- FRALDÁRIO: PIA, BANCADA COM TROCADORES, ARMÁRIOS DE APOIO E ARMAZENAMENTO

BERÇÁRIO II - 1 A DOIS ANOS

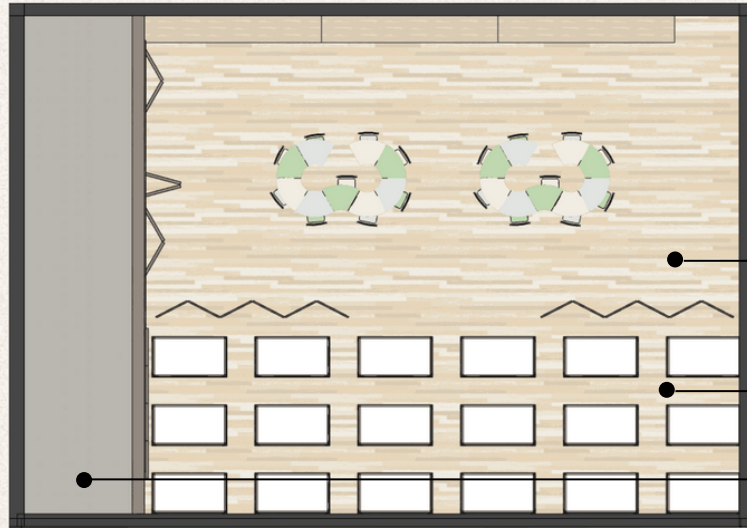
1 - REPOUSO: BERÇOS

2- ESPAÇO DE ATIVIDADES E ALIMENTAÇÃO: TAPETE TATÂME, CADEIRAS DE ALIMENTAÇÃO, BRIQUEDOS ALCOCHOADOS E INTERATIVOS, PRATELEIRAS BAIXAS, ESPELHOS COM BARRA DE APOIO E MESAS COM CADEIRAS

SALA DE AMAMENTAÇÃO E LACTÁRIO: POLTRONAS COM MESAS DE APOIO, SOFÁ E ESPAÇO PARA PREPARO DE ALIMENTO.



SALAS DE ATIVIDADES I

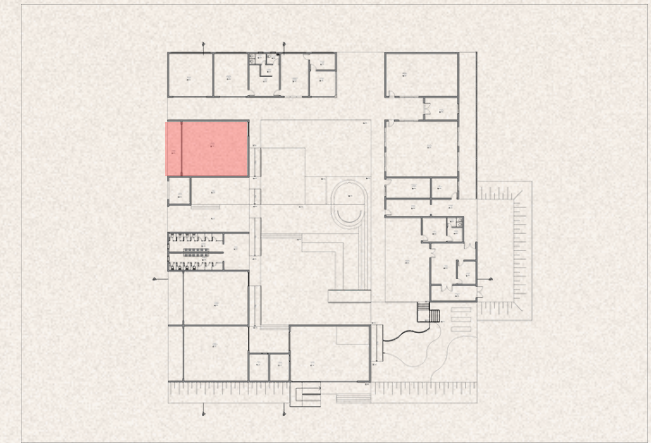


SALA DE ATIVIDADES

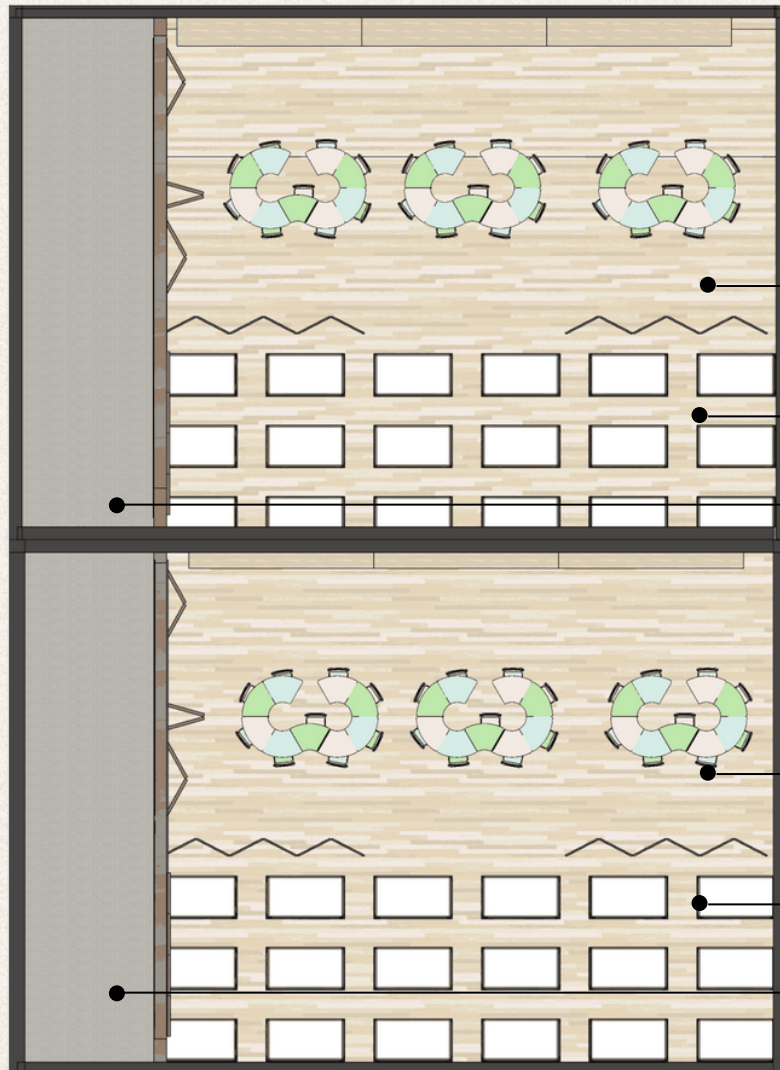
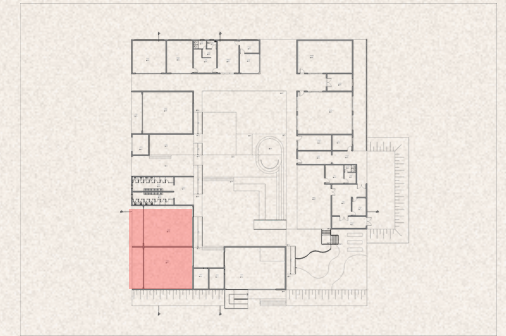
1- **ESPAÇO DE ATIVIDADES**; MESAS E CADEIRAS QUE PODEM SER UTILIZADAS EM GRUPO OU INDIVIDUAIS, PRATELEIRAS BAIXAS, QUADRO DE CORTIÇA PARA APRESENTAÇÃO E EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS.

2 - **ESPAÇO REPOUSO**: CAMAS EMPILHÁVEIS E ANTEPAROS QUE SEPARAM OS AMBIENTES NOS MOMENTOS DE SONECA E QUANDO ESSE MOMENTO CHEGAR AO FIM, OS ESPAÇOS SE INTEGRAM

3 - **VARANDA**



SALAS DE ATIVIDADES II E III



SALA DE ATIVIDADES

1- ESPAÇO DE ATIVIDADES; MESAS E CADEIRAS QUE PODEM SER UTILIZADAS EM GRUPO OU INDIVIDUAIS, PRATELEIRAS BAIXAS, QUADRO DE CORTIÇA PARA APRESENTAÇÃO E EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS.

2 - ESPAÇO REPOUSO: CAMAS EMPILHÁVEIS E ANTEPAROS QUE SEPARAM OS AMBIENTES NOS MOMENTOS DE SONECA E QUANDO ESSE MOMENTO CHEGAR AO FIM, OS ESPAÇOS SE INTEGRAM

3 - VARANDA

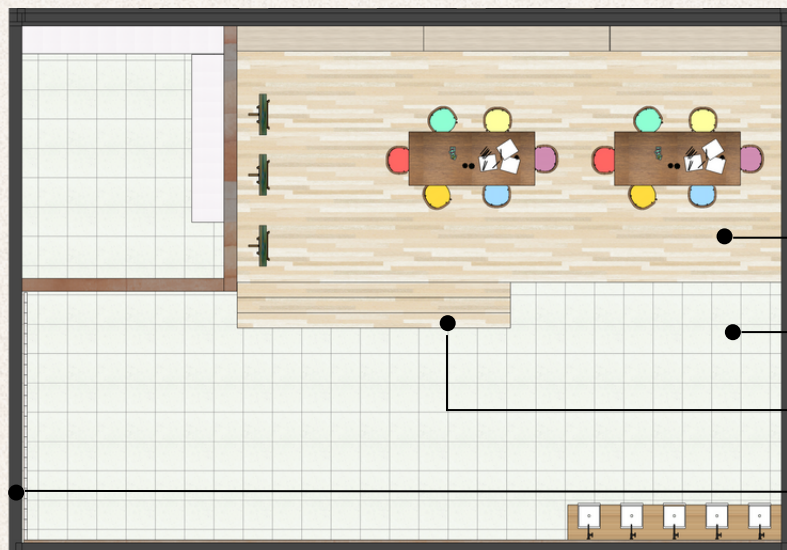
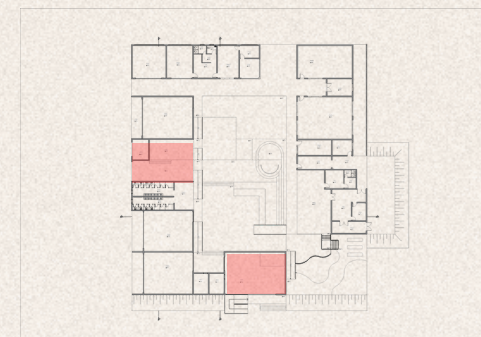
SALA DE ATIVIDADES

1- ESPAÇO DE ATIVIDADES; MESAS E CADEIRAS QUE PODEM SER UTILIZADAS EM GRUPO OU INDIVIDUAIS, PRATELEIRAS BAIXAS, QUADRO DE CORTIÇA PARA APRESENTAÇÃO E EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS.

2 - ESPAÇO REPOUSO: CAMAS EMPILHÁVEIS E ANTEPAROS QUE SEPARAM OS AMBIENTES NOS MOMENTOS DE SONECA E QUANDO ESSE MOMENTO CHEGAR AO FIM, OS ESPAÇOS SE INTEGRAM

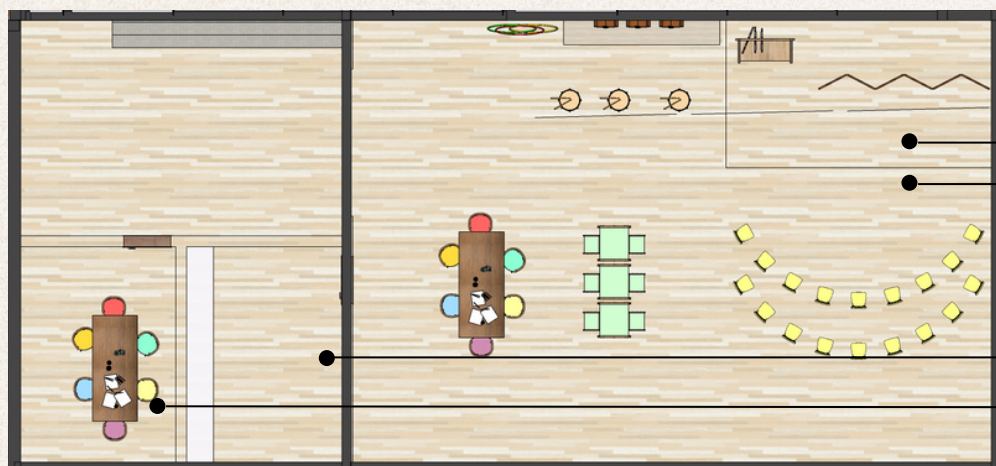
3 - VARANDA

ATELIÊ E SALA CIRCO



ATELIÊ

- 1- NÍVEL 1: MESAS E CADEIRAS, PRATELEIRAS BAIXAS E AVALETES. PARA ATIVIDADES ARTÍSTICAS QUE NÃO SUJAM OU MANCHAM
- 2 NÍVEL 2: ESPAÇO ABERTO COM PISO CERÂMICO PARA ATIVIDADES SUJAS, COMO PINTURA COM TINTA, BARRO, ETC; PIA PARA LAVAR MÃOS E MATERIAIS.
- 3- ESCADARIA: DE FRENTE PARA PAREDE QUE PODE SER USADA COMO CINEMINHA
- 4- DEPÓSITO
- 5- PAREDE DE COBOGÓ: PERMEABILIDADE VISUAL E ENTRADA DE LUZ



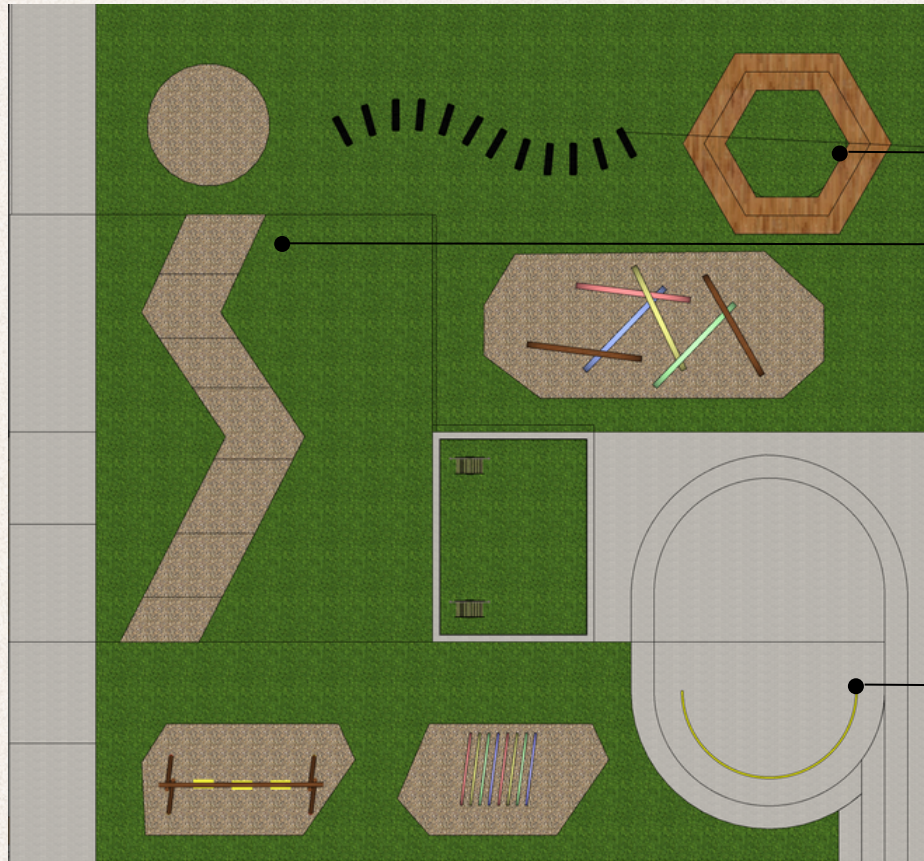
SALA CIRCO

- 1- PALCO - PALCO COM 25 CM DE ALTURA PARA APRESENTAÇÕES
- 2- ESPAÇO MULTIUSO: ESPAÇO COM MESAS E CADEIRAS, INSTRUMENTOS MÚSICAIS PARA BRINCADEIRAS QUE ENVOLVEM O CORPO E A MENTE. ESSE ESPAÇO PODE SER UTILIZADO PELA COMUNIDADE, E POSSUI ABERTURA PARA PRAÇA PÚBLICA COM ACESSO INDEPENDENTE
- 3-DEPÓSITO
- 4- RÁDIO ESCOLA: ESPAÇO PARA REALIZAÇÃO DE UM PROGRAMA DE RÁDIO DA ESCOLA





PÁTIO DESCOBERTO



PÁTIO EXTERNO

1- BANCO DE MADEIRA EM VOLTA DA ÁRVORE

2- TALUDE

3- PLAYGROUND:

BRINQUEDO DE MADEIRA E BORRACHA

ARCOS DE MADEIRA

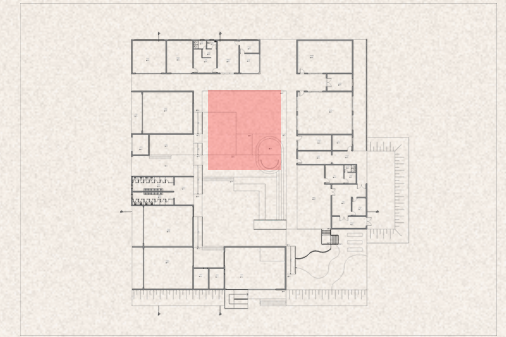
CAMINHO SENSORIAL

CAVALETES

BALANÇO

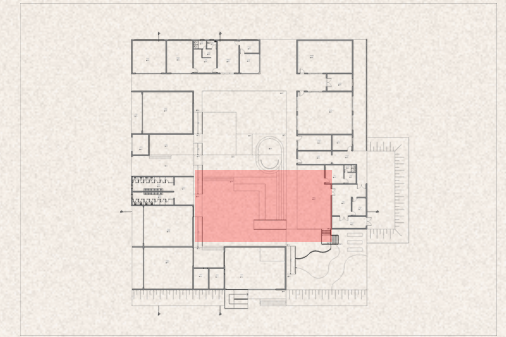
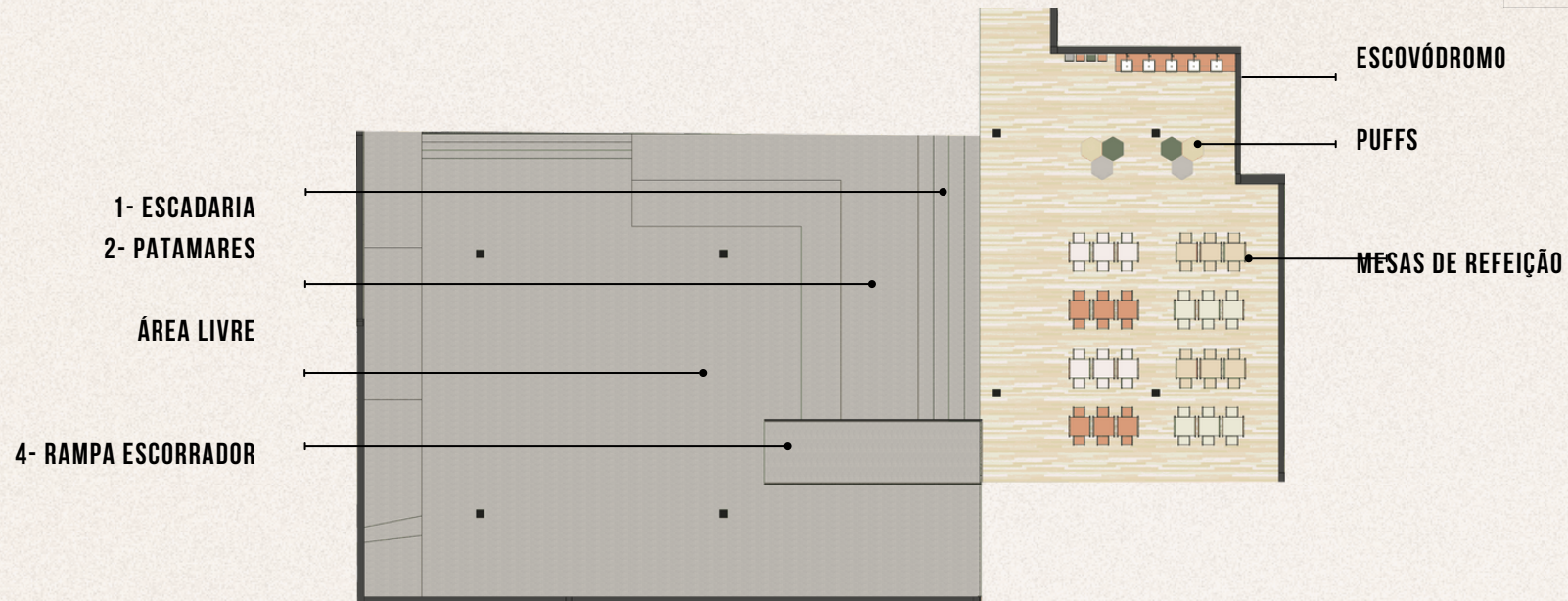
ARGOLAS GIGANTES

4- ÁGORA

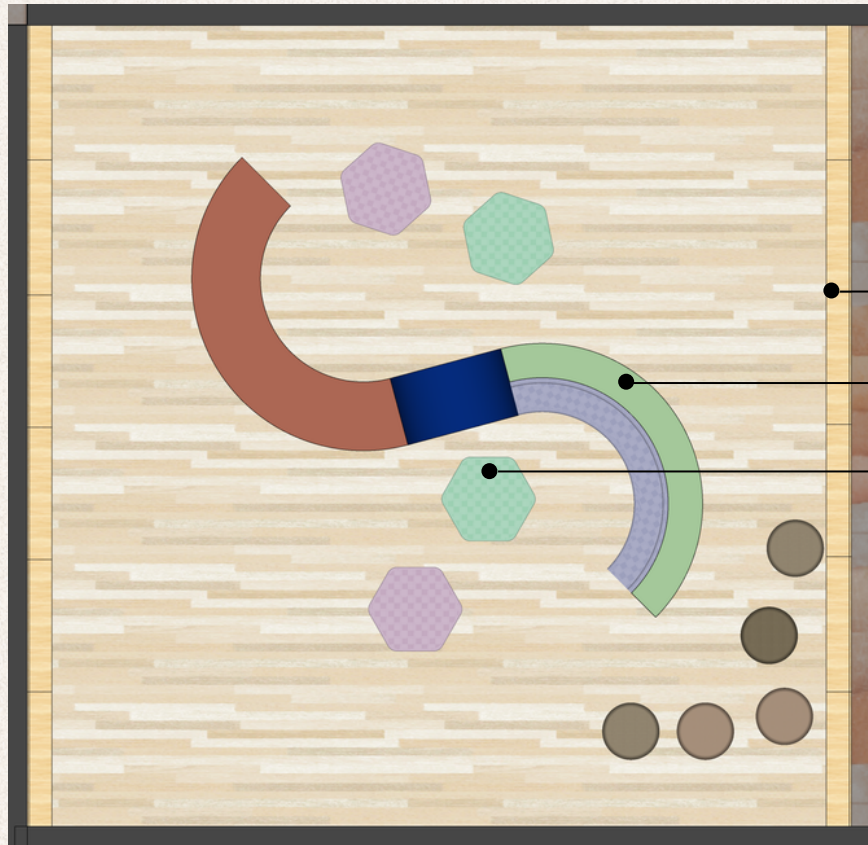




PÁTIO COBERTO E REFEITÓRIO



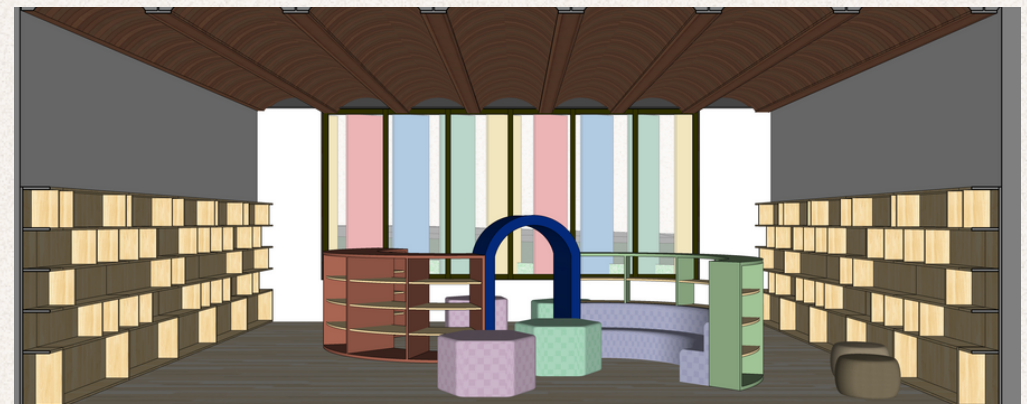
BIBLIOTECA



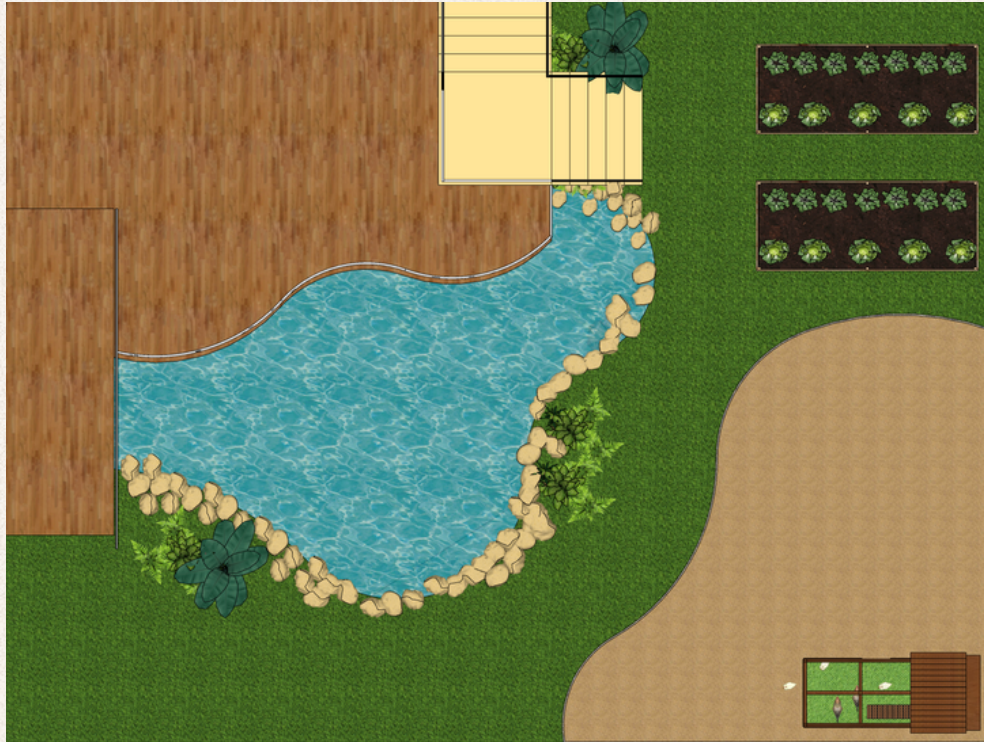
1- ESTANTES BAIXAS;

2 - MÓVEL CENTRAL COM BANCO DE LEITURA:

3 - PUFFES



ESPAÇO FAZENDINHA



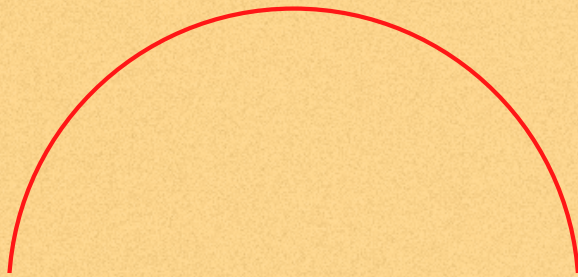
- 1- DECK DE MADEIRA; FUNCINA COMO MIRANTE E PAVIMENTO DE ACESSO PRA QUEM FAZ O CAMINHO PELO PÁTIO
- 2- LAGO: ALÉM DE PRODUIR UM MICRCLIMA, O LAGO RASO PERMITE A CRIAÇÃO DE ANIMAIS AQUÁTICOS
- 3- HORTA
- 4- VIVEIRO







CONCLUSÃO



Esse trabalho teve como objetivo geral o desenvolvimento de uma arquitetura na qual o espaço seja parte fundamental no aprendizado desse público tão importante e delicado, que são as crianças. Para isso, foi necessário que houvesse uma harmonia em aspectos estéticos, de conforto, acessibilidade e construtivos. A intenção aqui foi criar uma atmosfera que esteja o tempo inteiro estimulando e interagindo com as crianças em diversos aspectos e que o resultado disso seja a autonomia, liberdade e pertencimento e que o ensino seja absorvido de forma prazerosa. Para isso, foi necessário fazer o exercício da empatia com o olhar infantil, para tentar entender como acontece a apropriação dos espaços pelas crianças, dessa forma, foi preciso adentrar em questões dos espaços escolares e reviver memórias.

Além do meu carinho pessoal, foi fundamental entender a importância social da temática abordada, principalmente, quando levado em consideração o fato de estarmos enfrentando uma pandemia, na qual, a estrutura educacional foi muito afetada. Durante esse período, Escolas de ensino infantil em Xinguara foram fechadas e muitas famílias migraram para o ensino público, que ainda não consegue atender a demanda da cidade.

Para além do aspecto educacional, foi criado um projeto se abre para a comunidade com uma praça pública, com a intenção de ser um ponto de referência, apoio e lazer para essa vizinhança que é pouco assistida pelo poder público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Sheylane Nunes. A educação pluricultural na Vila Esperança: caminhos, tramas e diálogos do tornar-se sujeito. 2017. xv, 100 f., il. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) –Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (org.). Educação Infantil: pra que te quero?. Porto Alegre: Artmed, 2007. 164 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XB5009zOZTQC&oi=fnd&pg=PR1&dq=educa%C3%A7%C3%A3o+infantil&ots=QBjz-NLvNa&sig=X18nna6c8FCv0oJGiNuGAMU0zIk#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 29 set. 2021.

FRAGO, Antônio Vinão; ESCOLANO, Augustin. Currículo, espaço e subjetividade a arquitetura como programa. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1999.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K. Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LIMA, Mayumi. A criança e a percepção do espaço. Sem ano.

OLIVEIRA, Viviane Alice de. A história que se ensina e se aprende nas comemorações escolares em escolas de educação básica em Xinguara – PA: festa junina, dia da independência e dia da consciência negra. 2018.119f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Araguaína, 2018.

RIBEIRO, S. L. Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo. Sitientibus. Feira de Santana, n. 31, p. 103-118, jul./dez. 2004.

SILVA, Dulciene Anjos de Andrade e. Educação e ludicidade: um diálogo com a pedagogia waldorf. Educar em Revista, [S.L.], n. 56, p. 101-113, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO).

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

RIBEIRO, S. L. Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo. Sitientibus. Feira de Santana, n. 31, p. 103-118, jul./dez. 2004.

SILVA, Dulciene Anjos de Andrade e. Educação e ludicidade: um diálogo com a pedagogia waldorf. Educar em Revista, [S.L.], n. 56, p. 101-113, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO).

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.